



# atos

## do conselho geral

---

ano LXXXI abril-junho 2000

Nº 371

**Órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
Congregação Salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

## do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 371**  
**ano LXXXI**  
**abril-junho**  
**2000**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI "ESTE É O MEU CORPO, OFERECIDO POR VÓS "	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Luc VAN LOOY A Celebração Eucarística da nossa Comunidade - Para uma revisão da qualidade	55
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 Crônica do Conselho Geral	63 69
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Mensagem do Reitor-Mor aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano 5.2 Mensagem do Reitor-Mor à Família Salesiana 5.3 Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana "Mamá Muxima" de Angola 5.4 Reconhecimento de pertença da Congregação de "São Miguel Arcanjo" à Família Salesiana 5.5 Assistente Central das VDB 5.6 Novos Inspetores 5.7 Novos Bispos Salesianos 5.8 CD-Rom: um instrumento moderno para conhecer Dom Bosco 5.9 O pessoal salesiano em 31 de dezembro de 1999 5.10 Irmãos falecidos (2000 - 1º elenco)	75 81 86 87 91 92 96 98 100 103

Tradução: *P. José Antenor Velho*

**SALESIANAS**  
EDITORIA/GRÁFICA

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 – São Paulo - SP

Fone: (0\_\_11) 3277-3211 • Fax: (0\_\_11) 279-0329

Fax/Vendas: (0\_\_11) 279-4084

Telex: (0\_\_11) 32 431 ESPS BR

E-mail: [sdbmooca@salesianos.org.br](mailto:sdbmooca@salesianos.org.br)

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

## “ESTE É O MEU CORPO, OFERECIDO POR VÓS”<sup>1</sup>

1. “Uma hora” eucarística - O caminho eclesial - A questão - A nossa Eucaristia - A práxis pastoral. 2. **Convite à contemplação** - “Fazei isto em memória de mim” - “O meu corpo entregue... o meu sangue derramado” - “Tomai e comei” - “Eu em vós e vós em mim”. 3. **Apelo à celebração** - “Recebi do Senhor” - “Vós sois o corpo de Cristo” - “Anunciamos a tua morte”. 4. **Apelo à conversão** - Dom Bosco, homem eucarístico - Uma pedagogia original - A Eucaristia e o “Da mihi animas” - Um caminho em nossas comunidades - O percurso educativo com os jovens. **Conclusão**: um ano “eucarístico”.

Roma, 25 de março de 2000  
*Anúnciação do Senhor*

Queridos Irmãos,

O mistério da Eucaristia ocupa o lugar central no interior do Jubileu, como foi delineado no triênio de preparação e agora está sendo atuado. O Santo Padre, já na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, tinha anunciado que “dois mil será um ano intensamente eucarístico”<sup>2</sup>. Ele insistiu, em muitas outras ocasiões, sobre a sua intenção de fazer da Eucaristia o coração da celebração jubilar.

Isso corresponde a um fato constante na história da comunidade cristã: a Eucaristia foi sempre o momento mais expressi-

<sup>1</sup> cf. 1Cor 11, 24; cf. também Lc 22,19 e par.

<sup>2</sup> GIOVANNI PAULO II, *Tertio Millennio Adveniente*, 55

vo da sua fé e da sua vida. Segundo a bela expressão de Santo Tomás, a Igreja encontra na Eucaristia “a atuação perfeita da vida espiritual e a finalidade de todos os sacramentos”<sup>3</sup>.

A fé, na iniciativa do Ressuscitado, que nos reúne, nos fala e nos oferece a comunhão no seu Corpo e Sangue, dá ao Jubileu o seu sentido mais profundo. A memória da Encarnação não é uma comemoração do passado, mas pela presença eucarística de Cristo em nosso meio, é o encontro com a salvação que nos alcança hoje e nos abre com confiança ao futuro.

O Congresso Eucarístico Internacional, a ser celebrado em Roma no mês de junho, quer ser uma visão de fé reconhecida na presença real de Cristo na história humana e uma abertura da comunidade cristã ao seu dom total.

A renovação pessoal e comunitária, espiritual e apostólica do Jubileu compreende, portanto, também para nós, a redescoberta convicta e alegre das riquezas que a Eucaristia nos oferece e das responsabilidades a que nos chama, conscientes de que, segundo o ensinamento constante da Igreja, toda a vida cristã é edificada ao redor desse mistério.

O itinerário sacramental de preparação a este ano (Batismo, Confirmação, Reconciliação) leva-nos à Eucaristia como ao cume de onde contemplar o mistério Trinitário na vida do mundo e em nossa existência<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> *Eucharistia vero est quasi consummatio spiritualis vitae, et omnium sacramentorum finis!* (Summa Th. 3, 73, 3).

<sup>4</sup> Estas indicações introdutórias sobre a Eucaristia, colocada no centro do Jubileu, ajudam-nos, desde o início, a ver a Eucaristia — e portanto esta Carta circular — inserida nas etapas do nosso caminho jubilar, segundo o que era proposto nos ACG n. 369 (pág. 48ss).

Com a festa de Dom Bosco iniciamos juntos o caminho jubilar salesiano, que concluiremos com um ato celebrativo comunitário local e/ou inspetorial por ocasião da festa da Imaculada.

Queremos aprofundar, na primeira etapa desta caminhada, que coincide com o período quaresmal, a atitude de *Reconciliação e conversão*. Pode ser de estímulo a Carta que vos enviei: *Reconciliou-nos consigo e confiou-nos o ministério da Reconciliação* (ACG n. 369).

A segunda etapa do nosso itinerário estende-se ao longo do período pascal, nos meses de maio e junho, e tem a *Eucaristia como ponto de referência*, em coincidência com a preparação imediata e a celebração do congresso eucarístico internacional, que se dará em Roma no final de

## 1. “UMA HORA” EUCARÍSTICA

Não faltam para nós, Família Salesiana, orientações, textos, exemplos, tradições, representações artísticas, que recordem a importância da Eucaristia em nossa espiritualidade, em nossa vida comunitária e em nossa práxis educativa e pastoral.

Houve, porém, e ainda está em curso, um desenvolvimento na reflexão e práxis eclesial. A fim de redescobrir o mistério eucarístico e o seu significado em nossa vida e pastoral, é preciso, antes de tudo, tomar consciência do caminho percorrido pela Igreja nestes anos, colocando-o sobre o fundo da evolução cultural que caracteriza os vários âmbitos em que trabalhamos.

Podemos, nessa moldura, ler de maneira mais penetrante a nossa experiência eucarística, encontrar uma organização mais pertinente das questões suscitadas por ela e acolher com maior generosidade a graça que ela comunica.

### 1.1 O caminho eclesial

O ponto obrigatório de partida, também para a Eucaristia, é o Concílio Vaticano II, que deu orientações substanciais, sobretudo organizando a corajosa reforma litúrgica, cujos benefícios hoje gozamos.

O dado mais significativo que emerge do acontecimento conciliar é o relançamento da dimensão celebrativa da fé, a liturgia, como *fons et culmen* da vida cristã.

junho. Esta Carta: *Este é o meu corpo oferecido por vós*, coloca-se — de modo particular — na perspectiva do percurso pessoal e comunitário, espiritual e apostólico, desta etapa do Jubileu, e quer favorecer a “redescoberta convicta e alegre das riquezas que a Eucaristia nos oferece e das responsabilidades às quais nos chama”.

Convido, sobretudo os Inspectores e Diretores, a *estimularem* durante o período indicado a *reflexão pessoal e o diálogo e revisão comunitária sobre os pontos que proponho*. As pistas de aplicação que vos proponho nos números 4.4. e 4.5 podem ser facilmente retomadas no diálogo fraterno por ocasião de um retiro ou de um encontro comunitário.

O Concílio assumiu, realmente, uma consciência renovada da centralidade da experiência litúrgico-sacramental. A reforma dos ritos não foi entendida como simples adequação de gestos e palavras às condições históricas alteradas; mas, mais profundamente, como uma renovação da atitude e da mentalidade eclesial, que encontra na celebração a expressão visível mais genuína e eficaz da fé cristã.

O *Missal Romano* evidencia, assim, o caráter comunitário da celebração eucarística. Toda a assembléia é envolvida, não só de forma coral, mas também através de uma ministerialidade distribuída.

Dá-se da mesma forma, também à Palavra de Deus, um lugar privilegiado, para favorecer a sua escuta e interiorização. A linguagem apresenta-se mais próxima da sensibilidade contemporânea, e é dado um maior espaço à adaptação e à saudável criatividade litúrgica.

As vantagens da assimilação gradual e nem sempre fácil, dessa mentalidade, estão sob os olhos de todos e têm um vasto consenso. Ela comporta, ao mesmo tempo, o surgimento de novos interrogativos de tipo doutrinal e pastoral.

A busca mantém-se aberta, entretanto, em muitos âmbitos: a reflexão teológica procura oferecer novas sínteses e perspectivas que, sem perder nada da tradição da Igreja, permitem expressar a verdade da Eucaristia em nossas categorias culturais e em conformidade aos novos aprofundamentos do Novo Testamento. A práxis pastoral, ao mesmo tempo, leva em consideração os inúmeros problemas levantados pela vida atual dos crentes.

A Igreja está vivendo, ainda em relação à Eucaristia, uma rica estação de fermentos, em que convivem grandes potencialidades e confusões arriscadas, aquisições significativas e iniciativas frágeis, de fôlego curto.

Isso solicita de maneira particular a nossa consciência de pastores e educadores que, em atenção às exigências dos jovens e comunidades cristãs, devem saber propor a *fractio panis* com a abundância de motivações e significados, oferecidos pela reflexão eclesial, sem ceder a modas passageiras nem a opiniões não comprovadas.

## 1.2 A questão

O caminho eclesial foi marcado por uma transformação cultural que fez sentir o seu influxo no âmbito da celebração dos sacramentos em geral, e da Eucaristia em particular.

Pode-se acenar à difusão da expressividade espontânea e do valor puramente formal que se dá aos ritos regulados por normas ou hábitos, dos quais se esquecem facilmente os significados. Vivemos, de fato, em tempos de crise da memória histórica.

Uma certa manifestação coletiva de gestos, que nos impressiona (discotecas, *shows de rock*, etc.), é referência de si mesma. Ou seja, não quer expressar significados além do que se vê. Ela é marcada por um forte individualismo, também no interior de uma grande massa, porque tende à própria satisfação e é prisioneira de uma espetacularidade múltipla. Exprime, ao mesmo tempo, uma exigência de envolvimento pessoal, de experiência direta e de emoção.

Não são, porém os fenômenos mais preocupantes, mesmo não sendo indiferente analisá-los, pelo influxo que exercem, sobretudo entre os jovens. Outros são bem mais sérios. Não podemos, por exemplo, falar hoje da Eucaristia sem ter presente o fenômeno dos crentes não praticantes, para os quais o encontro com o Senhor é tido como separável e, de fato, está separado, da experiência sacramental.

Enquanto o Concílio colocara-se a questão: “como celebrar

os sacramentos?”, no pós-Concílio, deveu-se tomar consciência de que a questão tornara-se para muitos cristãos: “por que celebrar os sacramentos?”.

A exemplificação pode ser ampla e refere-se a todos os sacramentos: se já estou arrependido, por que me confessar? Por que casar na Igreja se nos amamos? Ainda a respeito da Eucaristia: se o Senhor está sempre comigo, por que devo ir à Missa?

Esses questionamentos refletem-se, depois, nas condições particulares das celebrações sacramentais, sempre marcadas pelo individualismo e pela espontaneidade: por que a confissão dos próprios pecados ao sacerdote e a absolvição pessoal? Por que a participação dominical da Eucaristia? E assim por diante.

São questões recorrentes, sobretudo entre os jovens, que denotam uma formação carente do significado da experiência sacramental e, também, a atenuação difusa da percepção do valor que o comportamento simbólico e ritual tem para o homem, em favor de uma exaltação ingênua da espontaneidade.

Como pastores e educadores, não podemos subestimar a incidência desses fenômenos, que levam a considerar a celebração da Eucaristia como um ato insignificante para a vida, condicionado por uma rigidez ritualística, que seria um obstáculo à expressão da própria vivência religiosa.

As tentativas de responder a essas instâncias revelaram-se freqüentemente frágeis, e chegaram, em alguns casos, a formas que comprometiam a identidade do sacramento, correndo o risco de reduzi-lo a um encontro fraterno, a um momento de partilha puramente horizontal, a um ato incluso no programa de qualquer celebração considerada mais importante.

A complexidade desses fenômenos deve estar presente, para que a nossa experiência de Eucaristia não esteja desancorada da vida e a nossa pastoral não deixe de colocar-se as questões que são determinantes no plano educativo.

### 1.3 A nossa Eucaristia

Baseados no que descrevemos sumariamente, podemos fazer agora uma tentativa de revisão da nossa vivência eucarística, em busca de elementos positivos a desenvolver ulteriormente, e com a disponibilidade de reconhecer aspectos problemáticos, que exigem a retificação da nossa caminhada.

A renovação litúrgica teve efeitos positivos também entre nós. Entre os aspectos mais prometedores da nossa vida fraterna, há de fato a Concelebração Eucarística cotidiana que, como dizem as nossas Constituições, “exprime a tríplice unidade do sacrifício, do sacerdócio e da comunidade, cujos membros estão todos a serviço da mesma missão”<sup>5</sup>.

Ao redor do altar, na alegre celebração do mistério eucarístico, nossas comunidades renascem todos os dias do coração de Cristo, que nos torna partícipes da sua caridade, dá-nos a capacidade de nos acolher e amar e envia-nos como sinais e testemunhas do seu amor aos meninos e jovens, destinatários da nossa missão. Isso torna-se mais evidente na jornada semanal da comunidade, em que, geralmente, se celebra com mais calma e maior participação.

Algum elemento de reflexão pode vir do nosso modo de celebrar. Não faltam experiências de celebrações dignas e alegres, compenetradas do mistério que se celebra e da fraternidade em Cristo que se quer exprimir. Não é nem mesmo raro, porém, o caso de uma certa carência na qualidade celebrativa: às vezes, por causa da pressa e, mais freqüentemente, da falta de atenção em relação às atitudes que predispõem e acompanham a celebração, à subestima do valor dos gestos e da linguagem simbólica, do que vive a celebração.

Pode-se tratar, em parte, de uma reação ao passado em que

alguns gestos eram vistos só como “cerimônias”, que davam solenidade ao sacramento. Hoje, porém, a Igreja, pedindo uma vigorosa mudança de mentalidade, coloca-nos alerta quantas ao cedimento a formas de secularização, nas quais se acaba por banalizar elementos cheios de significado, com motivos pouco fundados.

Outros aspectos da nossa experiência eucarística exigem reflexão e opções práticas nem sempre cômodas, que devem ser inspiradas na sabedoria e flexibilidade. Penso no serviço generoso que, com freqüência, prestamos em numerosas capelanias. Ele exprime a caridade pastoral das nossas comunidades pelo povo de Deus, particularmente pelas comunidades religiosas femininas que, de outra forma, não poderiam gozar do ministério presbiteral. Esse serviço, porém, não pode eliminar totalmente a necessidade de a comunidade encontrar ocasiões freqüentes para a Concelebração Eucarística, que é o momento gerador da nossa vida de irmãos no Espírito.

Observações mais urgentes devem ser feitas quanto à celebração dominical da Eucaristia que, para a Igreja inteira, é o sinal central do dia do Senhor e o coração da semana cristã.

O domingo “secularizado” é considerado dia de distração, que se desfruta individualmente. Ele é seqüestrado pelo indivíduo à comunidade humana e até à própria família, sob o pretexto de distensão ou repouso contra o estresse do trabalho e das relações funcionais. Trata-se de uma mentalidade que pode penetrar também entre nós, dedicados ao trabalho educativo durante a semana. Se assim fosse, seria um sintoma grave: um domingo sem comunidade e sem Eucaristia!

Agradecendo ao Senhor, a situação, com mais freqüência, é diversa. Em geral, gastamo-nos generosamente no ministério. Não poucas comunidades se preocupam e buscam algum sinal e momento que apresente a Eucaristia dominical como eixo ao redor do qual gira a nossa vida consagrada. Várias delas estabe-

leceram um momento de adoração eucarística nas horas vespertinas, com notável proveito, também da fraternidade.

Isso leva a outro ponto de revisão: o sentido da presença eucarística do Senhor em nossa Casa. Em quase todos os lugares, as capelas são dispostas com gosto e dignidade, e oferecem um ambiente adequado de oração, mas enfraqueceram-se as formas de encontro pessoal e comunitário com o Senhor. O significado e o valor de uma parada, também prolongada, diante da Eucaristia, são colocados, às vezes, em discussão, segundo opiniões sobre a presença e o culto eucarístico, que não têm fundamento no ensinamento da Igreja, ou segundo a afirmação de que a nossa união com Deus já se realiza no trabalho.

Esse aspecto tinha, para nós, uma expressão simples e eficaz na “visita”. Pode ser útil escutar, sobre isso, a admoestação de Karl Rahner, um dos teólogos mais significativos da nossa época: “Quem coloca a visita em discussão deveria perguntar-se se as suas objeções contra tal devoção não sejam, na realidade, o protesto do homem atarefado contra o apelo imperioso de colocar-se seriamente diante de Deus com todo o seu ser, recolhido à parte e relaxado, numa atmosfera calma e tranqüila, mantendo-se no silêncio regenerador e purificador em que o Senhor fala”<sup>6</sup>.

#### 1.4 A práxis pastoral

As situações educativas e pastorais são variadas, e não seria correto fazer delas uma única avaliação geral.

Pode-se dizer, de modo global, que há muita generosidade e espírito de sacrifício no exercício da presidência eucarística. Muitos irmãos sacerdotes, sobretudo no domingo, gastam-se com assiduidade a serviço do Povo de Deus. Há em toda a parte a

<sup>6</sup> K. RAHNER, *Educazione alla pietà eucaristica*, in ID., *Missione e grazia. Saggi di teologia pastorale*, Ed. Paoline, Roma 1964, pp. 291-340, 316.

preocupação de aproximar gestos e palavras à compreensão do povo, e introduzir jovens e adultos no espírito da celebração com criatividade legítima.

Temos dificuldade em educar ao mistério eucarístico em nossos oratórios/centros juvenis e nas instituições escolares de tipos variados. É difícil, com muita frequência, também em contextos tradicionalmente cristãos, fazer compreender o seu valor, pela falta de colaboração e testemunho das famílias, ou pela catequese insuficiente ou pela prática anterior pouco eloquente para a experiência dos jovens.

Ao propô-lo, isso poderia gerar em nós uma falta de confiança. Com o desejo de evitar qualquer aparência de imposição ou excesso, há quem limite a celebração a poucas grandes ocasiões, correndo o risco de desnaturar, a partir de dentro, o sentido do sacramento que se apresenta como um momento ritual para solenizar certas passagens do ano. Pensa-se cá e lá que os meninos não estão preparados, catequética ou espiritualmente, para entenderem o significado da Eucaristia; esquece-se que para eles não é só o “*culmen*”, mas é também, se preparada pedagogicamente, a “*fons*” de suas vidas.

Em alguns lugares apresenta-se, como razão da Eucaristia raramente celebrada, a relação a ser mantida entre as celebrações dos nossos ambientes juvenis e as que envolvem mais globalmente toda a comunidade cristã. É certo que os jovens não devem viver isolados de uma experiência eclesial mais ampla, mas inseridos nela com graduação pedagógica e atenção às etapas de crescimento de que é rica a nossa tradição.

Deve-se dizer que em não poucos projetos educativos, essa dificuldade foi resolvida muito bem, com variadas oportunidades de celebração: algumas, propostas a toda a comunidade; outras, a grupos; outras, ainda, à participação livre, dentro e fora do horário escolar ou oratoriano.

O aspecto mais negativo, que brota num ou noutro lugar, é a pretensão de uma assim chamada laicidade da atividade educativa, que não permitiria a celebração eucarística, enquanto sabsse que qualquer comunidade cristã e, portanto, também a educativa, encontra a sua máxima expressão na Eucaristia.

Reconhece-se que a participação viva dos meninos e jovens na celebração desperta neles grandes recursos espirituais. Ao buscar formas que favoreçam essa participação, não poucos irmãos e leigos empenham inspiração, tempo, conhecimentos e energias.

O nosso carisma faz com que tenhamos inscrito no coração o desejo de uma forma de pregação, de gestos, de uma música litúrgica e de uma tonalidade unitária da Eucaristia, em que o jovem possa se encontrar. Isso tudo é uma grande riqueza e um tesouro que podemos oferecer a toda a Igreja, com humildade e discrição.

O risco de mal-entendidos e distorções, porém, não é hipotético. A criatividade, que as normas litúrgica prevêem, é coisa bem diversa da arbitrariedade, da introdução de gestos condescendentes com o espetacular, transferidos de situações estranhas ao sentido eucarístico, que, no momento, podem atrair a atenção, não sobre Deus, mas sobre nós mesmos e nossos gestos.

Por outro lado, qualquer rito desenvolve-se em conformidade com uma ordem e algumas normas, o que conserva e transmite valores espirituais de primeira ordem: a consciência de que aquilo que se realiza não é um gesto inventado por nós, mas recebido como um dom de amor, a consciência de estarmos em comunhão com os outros irmãos, presentes ou distantes, que celebram a mesma fé, o nosso direcionamento ao essencial, ou seja, que é Deus mesmo quem age através de nós, e mais ainda.

São coisas das quais também os jovens podem fazer ex-

periência. Eles, com freqüência, causam-nos admiração com a capacidade de entrar em ressonância com a sobriedade dos símbolos litúrgicos: ela irá além das nossas expectativas, somente se aquele que orienta a celebração for verdadeiramente um homem de oração.

Um último elemento de reflexão, na vertente pastoral, toca de perto a figura do salesiano presbítero, enquanto ministro da Eucaristia. A resistência das culturas secularizadas em acolher a mediação indispensável da Igreja e o valor dos momentos sacramentais traduz-se, também para os presbíteros, numa certa dificuldade de reconhecer a celebração da Eucaristia como parte eminente do seu ministério. Concorre, decerto, para determinar essa situação, também, a reação a uma certa teologia do passado, que considerava a tarefa sacramental (*munus santificandi*), quase como o único âmbito de exercício do ministério.

A tradição salesiana, graças ao amplo raio da ação educativa em que nos vê envolvidos, sempre sustentou a necessidade de alargar essa perspectiva. Enquanto renovamos a consciência de que os sacramentos não são a única tarefa do padre, não devemos nos esquecer que permanecem a sua tarefa maior, mais específica e mais fecunda.

Seria problemática a figura do presbítero que não sentisse como própria responsabilidade suprema servir a comunidade, através da presidência da Eucaristia, de onde nasce e desenvolve-se a vida da Igreja; ou ainda, que, não podendo celebrar pela ou com a comunidade reunida, não realizasse o gesto de oferta de Cristo em comunhão e em nome da Igreja.

Estes elementos de revisão são, de propósito, apenas exemplificativos, e levam-nos a pensar que nos devemos inserir na corrente viva da reflexão da Igreja sobre a Eucaristia, para recompreender o sentido da sua celebração. De aqui, os passos sucessivos que me proponho dar convosco nesta meditação.

## 2. CONVITE À CONTEMPLAÇÃO

A contemplação é atitude consonante ao mistério eucarístico. É um dom que vem do alto. Não tem qualquer plausibilidade fora da fé. Para compreendê-lo, é necessário colocar-se à escuta do Senhor, meditar longamente a sua palavra, sentir o escândalo suscitado pelo seu anúncio no coração dos discípulos, hoje como ontem.

Nós também, como os discípulos de Cafarnaum<sup>7</sup>, queremos advertir o paradoxo da oferta de Jesus, admirar-nos pela radicalidade do seu discurso, que confunde a nossa lógica humana com a superabundância do amor divino.

Perceber com nitidez o sentido da Eucaristia, é uma tarefa que se renova em cada geração de crentes: tarefa fascinante, confiada à reflexão, à oração, ao silêncio, ao amor, ao empenho pelos irmãos, à contemplação. É também tarefa determinante, porque está em jogo a nossa acolhida do Jesus verdadeiro, aquele que nasceu de mulher e padeceu sob Pôncio Pilatos, contra qualquer tentação de projetar imagens do Senhor ou representações da sua presença que contradigam a verdade do Evangelho.

### 2.1 “Fazei isto em memória de mim”<sup>8</sup>

A referência fundamental para compreender a Eucaristia é a Última Ceia do Senhor. Ali nasceu, e é o seu memorial. Creio não ser necessário explicar que memorial, em linguagem litúrgica, não é evocação subjetiva, recordação no pensamento, mas atualização e prolongamento do acontecimento celebrado, que o torna presente e perpétuo, mas sempre novo.

<sup>7</sup> cf. Jo 6

<sup>8</sup> Lc 22,19; cf. também 1Cor 11,24

Baseados no texto, é indispensável uma meditação constante desse momento da vida de Jesus. Não me furto de vo-la recomendar. Surgirão novidades inesperadas a cada nova leitura do Novo Testamento.

A Última Ceia, em certo sentido, é a síntese de toda a vida de Jesus, a chave de interpretação da sua morte iminente. Justamente por isso, os textos evangélicos conferem-lhe um relevo particular.

Sem descer à análise de cada trecho, basta dizer que o evangelista João coloca no contexto da Ceia<sup>9</sup> a expressão mais alta do ensinamento de Jesus (os discursos de adeus), o momento mais intenso do seu diálogo com o Pai (a oração sacerdotal) e a expressão mais profunda do seu amor pelos doze (o lava-pés).

A Ceia surge como um acontecimento longamente preparado, ardentemente desejado por Jesus<sup>10</sup>, e antecipado de variadas formas por momentos emblemáticos da sua vida: o anúncio do Reino nos banquetes com os pecadores<sup>11</sup>, a multiplicação dos pães<sup>12</sup>, as parábolas sobre os convidados às núpcias<sup>13</sup>, a discussão sobre o Pão vivo<sup>14</sup>, e assim por diante.

Há, nos textos da Ceia e mais especificamente nas palavras da instituição, um vasto entrelaçamento de temas, que vão da experiência salvífica da Páscoa antiga ao banquete da Sabedoria<sup>15</sup>, da temática profética da morte redentora do Servo de Javé aos textos relativos à Aliança no Sinai e à Nova Aliança.

A Ceia não é simplesmente “um” dos acontecimentos da vida de Jesus, mas, realmente, o acontecimento “decisivo” para

<sup>9</sup> cf. Jo 13-17

<sup>10</sup> Lc 22,15

<sup>11</sup> Mc 2,15-17 e par.; Lc 7,36-50

<sup>12</sup> Mc 6,34-44 e par.

<sup>13</sup> Mt 22,1-14

<sup>14</sup> cf. Jo 6

<sup>15</sup> cf. Pr 9,1-5; Sir 24,18-21

perceber o sentido de sua missão e a interpretação que ele dá de sua vida e morte.

Aquilo que Jesus realiza na Ceia é o coroamento de uma longa história. É a “nova” aliança entre Deus e a humanidade, que realiza o que fora prometido em todas as anteriores. É a antecipação ritual e a interpretação simbólica da própria morte. É o testamento para a sua Igreja.

Ele, consciente da paixão que o espera, não foge diante da reação violenta que a humanidade opõe à pregação do Reino, mas a assume e transforma a partir de dentro, com uma superabundância de amor. Consuma assim o dom de si mesmo, entregando-se pela nossa libertação, na acolhida dócil da vontade salvífica do Pai, que o Espírito lhe apresenta como convite e mandamento de amor.

É a oferta de sua vida como dom ao Pai pela humanidade, que Jesus antecipa e inscreve no gesto eucarístico. O rito antigo enche-se de uma novidade inaudita, porque o Cordeiro que lava nossas culpas e nos restitui a Deus é o Filho feito carne, consubstancial ao Pai e partícipe da nossa humanidade.

Jamais meditaremos e adoraremos suficientemente o mistério de amor contido neste evento, cuja vastidão nos supera e cuja gratuidade nos confunde. Ele marca o início da ordem sacramental cristã, que tem como conteúdo a Páscoa salvífica de Cristo, e estende aos homens de todos os lugares e de todos os tempos a comunhão com a sua caridade.

## **2.2 “O meu corpo entregue... o meu sangue derramado”<sup>16</sup>**

As reflexões precedentes ajudaram-nos a perceber a referência substancial da Eucaristia ao mistério pascal de Cristo.

“Sacrifício” é uma palavra fundamental para falar deste

<sup>16</sup> cf. Lc 22,19-20

mistério e compreender, portanto, a Eucaristia de maneira cristã. Para o homem moderno, parece um achado do passado, um entulho inútil, não só na vida cotidiana, onde a busca das comodidades é de praxe, mas também na relação com Deus. Não consideramos que valha a pena sacrificar-nos, a não ser em vista de uma vantagem maior, e não entendemos o porquê de sacrificar alguma coisa a Deus, e muito menos o porquê de lhe atribuir tal atitude.

Para além das palavras, a realidade do sacrifício não pode deixar de ser proclamada, sem desnaturar o sentido da Eucaristia. Suscita, então, uma certa preocupação, a tendência de rarefazer o anúncio desta verdade na pregação e na catequese, até mesmo através do recurso a outras categorias, que sozinhas são insuficientes para exprimir a intenção de Cristo, como aparece na Última Ceia e na consciência da Igreja primitiva.

Falar de sacrifício eucarístico significa ligar-se, de um lado, ao comportamento presente em todas as religiões e, de outro, perceber a novidade de Cristo.

Em sua vida, Jesus demonstra oposição e rejeição total a uma certa concepção de sacrifício mas, também, interpreta o momento supremo da sua missão, dizendo que oferece o seu Corpo “em sacrifício” por nós.

A concepção sacrificial, recusada por Jesus, é aquela que entende o gesto da oferta a Deus como tentativa de o homem atrair favores para si, proteção e até mesmo privilégios da divindade conforme as próprias obras, apresentadas a Deus a título de merecimento.

São muitos os motivos pelos quais este comportamento é aberrante: ele contém a idéia de que Deus não ama a todos gratuita e livremente, mas trate os homens segundo cálculos interesseiros; favorece uma relação com Deus, que não coloca no centro a adesão confiante à sua pessoa, mas a realização jurídica

de gestos formais; vê o homem preocupado, não em converter-se e entrar no Reino, mas ter de Deus a escuta de seus desejos imediatos.

Quando a participação à Eucaristia é inculcada mais como um preceito a cumprir do que como uma Graça a ser encontrada; quando se vai à Missa pelos dons que se esperam de Deus, mais do que para encontrar-se com o Dom que é Deus mesmo, impõe-se a constatação de que, mesmo se as formas são cristãs, o conteúdo experiencial não o é realmente.

A idéia de sacrifício, manifestada por Jesus, é, de fato, algo muito diverso e até mesmo oposto. Ele fala de sacrifício a propósito da sua morte entendida não como uma derrota, mas como a realização suprema da sua missão. A morte de Jesus na cruz desmascara qualquer representação de Deus que projete sobre o Pai a nossa mesquinhez e os nossos instintos de posse e desforra.

O sacrifício realizado uma vez por todas na cruz e presente em cada Eucaristia, é aquele em que Deus mesmo se sacrifica pelo homem, em força de um movimento de caridade ilimitada e incondicional. Jesus sacrifica-se por nós no sentido de dar-nos a sua vida, com doação gratuita, sem outra expectativa que não seja a de exprimir o amor de seu Pai, do qual Ele é a imagem perfeita, em sua total oblação.

Quando celebramos o sacrifício eucarístico participamos, então, do mistério da Cruz com que Cristo nos libertou de nossos temores de Deus, que são conseqüências dos nossos pecados, abrimo-nos alegremente ao encontro com um Deus que nada nos pede para nos amar, a não ser a nossa disponibilidade em deixar-nos amar por Ele. O nome que define este sacramento é, por isso, "Eucaristia", isto é, "ação de graças" ao Deus que nos ama gratuitamente.

A fidelidade ao amor de Deus exigirá também de nós,

muitas vezes realisticamente, que enfrentemos obstáculos e que nos choquemos com a oposição crucificante do pecado, nosso e alheio. Isso faz parte da nossa participação no sacrifício eucarístico. Não aconteça, porém, entendermos o sacrifício eucarístico como a satisfação de uma obrigação religiosa, para que Deus nos dispense um favor ou, então, a oferta de nós mesmos em união a Jesus como um preço imposto por Deus para, depois, conceder-nos uma graça.

Se quisermos que a participação na Eucaristia seja frutuosa e motivada pela fé, devemos corrigir as visões distorcidas e, sobretudo, proclamar, como São Paulo, a alegre notícia que brota da Cruz de Cristo, da qual toda Eucaristia é memorial.

A meditação do sacrifício eucarístico constitui, particularmente para nós, uma ocasião excelente de renovar a nossa dedicação apostólica como participação na atitude de Jesus Bom Pastor, que salva os homens pelo dom de si. É da Eucaristia, com efeito, que a nossa caridade pastoral tira dinamismo e fecundidade: participamos quotidianamente do sacrifício de Cristo para aprender dele a entregar cada dia da vida, movidos pelo seu mesmo Espírito de amor.

### **2.3 “Tomai e comei”<sup>17</sup>**

A “refeição”, o “convívio”, o “banquete” têm uma longa tradição teológica e litúrgica baseada no memorial da Ceia de Jesus. Será sempre necessário estar atentos a não centrar o seu significado em nós, como se fosse principalmente um encontro amigável de cristãos, mas referi-lo sobretudo ao dom do alimento para a vida que o Pai nos dá em Cristo.

A Eucaristia, de fato, é a graça, o convite e o acontecimento da nossa comunhão com Cristo Ressuscitado e com o Pai:

<sup>17</sup> Mt 26,26

“Preparas para mim uma mesa... o meu cálice transborda”<sup>18</sup>.

Todo o caminho pedagógico da celebração leva a este ápice através do arrependimento, do louvor, da escuta da Palavra, da fé, da nossa oferta humilde. Cristo não só realiza um sacrifício de amor, como também faz-nos seus participantes e comensais.

Jesus apresenta-se, em toda a sua exigência, como vida da qual participar, água a beber para saciar a sede, Pão do qual se alimentar, sabedoria em cuja mesa se sentar, videiras em que se enxertar. O banquete enche o evangelho, e o Bom Pastor leva os seus a “águas tranqüilas e verdes pastagens”<sup>19</sup>. São todos acenos a uma comunhão misteriosa.

Como no discurso sobre o Pão, trazido por João, também na celebração eucarística, acolher a Palavra e comer o Corpo estão numa linha de continuidade e ascensão. E ambos são dom do Pai e comunhão com Cristo.

O Senhor Ressuscitado, pela mediação da Igreja e com a ação invisível mas real do Espírito, entrega-se a nós em cada Eucaristia, antes de tudo como Palavra. Ele, não só, nem principalmente, disse palavras sábias, mas é a Palavra total e definitiva de Deus para o homem, com todas as ressonâncias que pode ter também em nível de significado humano. Em nossa celebração eucarística — afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium* — “o próprio Cristo está presente entre seus fiéis com a sua Palavra”<sup>20</sup>.

A comunhão eucarística só será possível para o homem se a acolhida da Palavra e a fé levarem-no a abrir as portas ao amor.

É importante não perder de vista que “Ele nos explica as Escrituras (...) sobretudo quando nos reúne para a Santa Ceia”<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> SI 22 (23)

<sup>19</sup> cf. ib

<sup>20</sup> cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 33; cf. também n. 35 e antes ainda SC 7

<sup>21</sup> cf. Oração Eucarística V

Nossas Constituições privilegiam essa perspectiva que une a Palavra com a participação ao sacrifício: “A escuta da Palavra encontra seu lugar privilegiado na celebração da Eucaristia”<sup>22</sup>. Explicitando mais o sentido apostólico, as Constituições das FMA declaram: “Alimentando-nos à mesa da sua Palavra e do seu Corpo, tornamo-nos com Ele “pão” para nossos irmãos”<sup>23</sup>.

Este é um dos aspectos que descuidamos com facilidade em nossas celebrações; a forma da leitura, a atitude da escuta, a propriedade dos ornamentos, a acentuação conveniente devem torná-lo relevante.

É o mais eficaz momento cotidiano de formação permanente, sobretudo se — como indica a ligação estrita que ela tem com a Eucaristia — não fizermos dela uma elucubração intelectual ou de estudo, mas abirmo-nos à acolhida e à comunhão com Cristo. Não leiamos as páginas bíblicas para informar-nos de coisas que desconhecemos, mas para ouvir nelas e delas a voz viva de Deus que nos dirige, hoje e aqui, a palavra para nos iluminar e sustentar na história concreta que nos cabe viver.

Motivo, não menor, para sublinhar este aspecto é a importância que o ministério da Palavra tem para nós como educadores e pastores. Jamais se colhe tão bem o seu significado, especialmente em relação à vida do povo de Deus, como no contexto eucarístico.

## 2.4 “Eu em vós e vós em mim”<sup>24</sup>

A Eucaristia, celebração da oferta de Cristo ao Pai pela humanidade, realiza a forma mais intensa da sua presença entre nós. A eucarística é justamente chamada “por antonomásia”<sup>25</sup> de presença real.

<sup>22</sup> C 88

<sup>23</sup> cf. Const. FMA 40

<sup>24</sup> cf. Jo 14,20

<sup>25</sup> PAULO VI, Carta encíclica *Mysterium fidei*, 3 de setembro de 1965

A Eucaristia proclama que a Páscoa completou a finalidade da Encarnação do Filho de Deus, ou a intenção de Deus de fazer com o homem a comunhão mais profunda, permanente e sentida.

A Cruz e Ressurreição não cancelaram a presença de Cristo da história, mas levaram-na ao mais profundo tecido das vicissitudes humanas, justamente através do sinal sacramental da Eucaristia. Contemplando o pão e o vinho eucarísticos, compreendemos, de fato, que Jesus é verdadeiramente o Emanuel, o Deus conosco, que pôs a sua morada para sempre entre nós.

O sentido vivo da presença de Deus, que caracteriza a nossa espiritualidade, e que Dom Bosco inculcava com tanto empenho em seus jovens e colaboradores, encontra aqui a própria raiz e fundamento.

Hoje como ontem, só será capaz de contemplar a Deus na ação, aquele que aprender a ver a sua presença no Corpo e no Sangue de Cristo.

É ali que, segundo o episódio de Emaús, se abrem os olhos e se reconhece o Ressuscitado, até então confundido entre semblantes e palavras comuns. É ali que os discípulos descobrem a continuidade entre o crucificado e o vivente, e entendem o significado insólito da morte de Jesus. Tem início, dessa forma, no partir do pão, uma ação apostólica autêntica, que traz os sinais do encontro real com o Senhor e se faz anúncio de uma comunhão com Ele, vivida e experimentada pessoalmente.

A *Sacrosanctum Concilium*<sup>26</sup> e outros textos posteriores relacionam de maneira sugestiva e iluminante as diversas formas da presença de Jesus Ressuscitado, colocando no vértice aquela, inesperada, pela qual Jesus se identifica com o pão e o vinho da Eucaristia, celebrada em sua memória pela comunidade dos discípulos.

<sup>26</sup> cf. SC 7

Jesus está realmente presente na sua Palavra, na qual já se dá como luz e alimento. Está presente também em todos os sacramentos, que são “forças vivas que emanam de Cristo vivo”<sup>27</sup>, por obra do Espírito: “Quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza”<sup>28</sup>, quando alguém absolve é Cristo que absolve.

Jesus está presente na oração, sobretudo na Liturgia das Horas: o mesmo Jesus, orante supremo em sua existência de Ressuscitado, incorpora-nos na sua oração, fazendo-nos concelebrar o louvor do Pai e a intercessão pelo mundo.

Cristo está realmente presente na comunidade, no ministro que preside a celebração<sup>29</sup> e liga visivelmente a comunidade ao seu fundamento que é Ele.

Após a celebração, prolonga no sacramento a sua presença em benefício de todos que o desejam ou procuram (doentes, visitantes) e não puderam participar da celebração; continua a estar realmente presente nos pobres e nos doentes: “A mim o fizeste”<sup>30</sup>.

A compreensão da multiforme, mas única presença do Ressuscitado, dá unidade à nossa vida. Os sacramentos, a oração litúrgica, a comunidade, a missão, a experiência de fraternidade, o serviço aos outros: tudo é unificado na convicção de que o Senhor Jesus está presente em cada momento, como Ele mesmo garantiu-nos: “Eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo”<sup>31</sup>.

A Eucaristia é o sacramento da sua presença como, também, do seu sacrifício: sacramento em que, com maior intensidade e proximidade, se coloca ao alcance dos nossos olhos, da nossa súplica, da nossa amizade.

<sup>27</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 1116

<sup>28</sup> SC 7

<sup>29</sup> cf. ib.

<sup>30</sup> cf. CIC, 1397; Mt 25,40

<sup>31</sup> Mt 28,20

Essa presença não deve ser entendida como uma presença de realidade material, como se o corpo de Cristo estivesse enclausurado, imóvel, estático; pelo contrário, está vivo, irradiante, ativo e atuante. Não hospedamos um estranho ou forasteiro; não fazamos dele o prisioneiro de algum produto do nosso artesanato. Ele é o Ressuscitado, o Senhor do cosmo e da história que, tendo preenchido a medida do amor, exerce sobre o mundo a própria soberania salvífica, sem ser limitado pelo espaço e pelo tempo, justamente como mostrava-se após a Ressurreição.

Este é um aspecto do mistério que devemos meditar e contemplar longamente, num silêncio compenetrado de oração e docilidade às iluminações interiores do Espírito.

A presença eucarística, opondo resistência às nossas tentações de capturar o divino, abrirá para nós espaços mais humildes e autênticos de contemplação do Dom de Deus. Contemplar um Dom é jamais ver simplesmente uma “coisa”; isso só será possível quando realizar-se um entendimento entre quem dá e quem recebe: a silenciosa presença eucarística chama-nos a esse entendimento espiritual com Cristo.

O culto eucarístico, em suas formas públicas e privadas, fundamenta-se nessa presença. O seu valor, constantemente proposto pelo magistério da Igreja e pelo exemplo de uma fileira inumerável de santos, deve ser novamente descoberto, também por nós. Adorando a Eucaristia aprenderemos a dilatar o coração na medida do coração de Cristo; descobriremos a alegria da escuta prolongada, do louvor alegre e da intercessão confiante pelas necessidades de tantos irmãos, sobretudo de tantos jovens que encontramos ou que, talvez, jamais encontraremos pessoalmente.

O Papa escreveu que “a intimidade divina com Cristo, no silêncio da contemplação, não nos afasta de nossos contemporâneos,

mas, ao contrário, torna-nos atentos e abertos às alegrias e preocupações dos homens e alarga o coração às dimensões do mundo. Ela faz-nos solidários com nossos irmãos em humanidade, particularmente os mais pequenos, que são os prediletos do Senhor”<sup>32</sup>.

Ele dirigiu, nessa perspectiva, um convite insistente que nos envolve em primeira linha: “Recomendo aos sacerdotes, religiosos e religiosas, como, também, aos leigos, que prossigam e intensifiquem os próprios esforços para ensinar o sentido e o valor da adoração e da devoção eucarísticas às jovens gerações. Como os jovens poderão conhecer o Senhor, se não forem iniciados no mistério da sua presença? Aprendendo as palavras da oração do coração, como o jovem Samuel, eles estarão mais próximos do Senhor, que os acompanhará em seu crescimento espiritual e humano e no testemunho missionário que deverão dar ao longo de toda a sua existência”<sup>33</sup>.

### 3. APELO À CELEBRAÇÃO

#### 3.1 “Recebi do Senhor”<sup>34</sup>

Compreendido o significado da instituição da Eucaristia na Última Ceia, não admira que a Igreja, guiada pela experiência pascal, tenha colocado no centro da sua vida e identidade pública a prática freqüente e perseverante da *fractio panis*<sup>35</sup>.

Acontecimentos como o de Emaús esclarecem o quanto a repetição do gesto eucarístico é o lugar de reconhecimento do Ressuscitado, o sinal da novidade e continuidade da relação de

<sup>32</sup> JOÃO PAULO II, *Carta sobre a adoração eucarística* de 28/5/1996, enviada ao Bispo de Liège por ocasião do 750º aniversário da festa do SS. Corpo e Sangue de Cristo, 5

<sup>33</sup> *Ib.*, 8

<sup>34</sup> 1Cor 11,23

<sup>35</sup> cf. At 2,42

Jesus com seus discípulos após a morte e Ressurreição, o modo mais evidente com que ele continua a estar presente no meio deles, falando e admitindo-os numa inimaginável comunhão consigo.

A repetição dos gestos e palavras da Ceia torna-se, assim, para a Igreja nascente, o novo modo de chegar ao mistério de Deus. Não é mais possível pensar em Deus, sem passar pela morte e Ressurreição de Cristo e, portanto, pela Eucaristia, que é o seu memorial. Não é possível encontrar uma experiência mais imediata de relação com o Ressuscitado daquela que reconhece a sua presença, real e viva, em que se celebra o “partir do pão”.

A celebração da Eucaristia marca, assim, a separação da comunidade cristã em relação ao culto antigo, a releitura do acontecimento terreno de Jesus à luz da sua Páscoa e a identificação de seus discípulos como aqueles que “comem um único pão” e formam com Ele “um só corpo”.

O ensinamento de São Paulo aos Coríntios<sup>36</sup>, expressão de uma tradição da primeira hora, evidencia o quanto o mandamento de Jesus sobre o rito eucarístico penetrou muito profundamente na vida da comunidade, desde o início, e pôs-se como fundamento de toda a experiência eclesial.

O caminho que remete a nossa Eucaristia à *fractio panis* apostólica e à Última Ceia do Senhor é marcado por um longo percurso histórico e por uma lenta evolução dos ritos, que acolheu os influxos e riquezas de várias épocas e regiões geográficas. O caminho ritual da Eucaristia caminha fundamentalmente ao lado do caminho histórico do Povo de Deus que é gerado pela Eucaristia e nela exprime a própria adesão ao Senhor.

Não admira, portanto, a atenção afetuosa com que a Igreja conserva os gestos e palavras de Jesus, colocando-os no coração da sua mais bela celebração, transmitindo-os com cuidado

<sup>36</sup> 1Cor 11,20-34

e fidelidade, de geração em geração. Compreendemos, ainda, porque as comunidades cristãs, mesmo escondidas em tempos de perseguição, preocupavam-se em celebrar a Eucaristia, não de um modo qualquer, mas do mesmo modo da Igreja universal que, invisivelmente, as sustentava. Na Eucaristia, com efeito, tem-se todo o bem do povo de Deus: graça, unidade, história, missão.

Para além das variações das formas externas do rito, ancoradas, por sua vez, na imutável centralidade dos gestos e narrações da Ceia, há um significado que não nos deve escapar.

A Eucaristia é uma “celebração”, ou seja, uma ação ritual que tem como sujeito visível a comunidade dos crentes, presidida pelos próprios pastores em comunhão com o Bispo e com o Papa. Em seu aspecto imediato, portanto, o ato da celebração eucarística já realça a estrutura comunal da Igreja.

A Eucaristia não se apresenta, efetivamente, com os aspectos de uma ação privada, realizada por um indivíduo ou um grupo ocasional, mas ao contrário, revela os caracteres de uma ação comunitária, que chama sempre em causa a vida da Igreja em sua totalidade.

A ninguém pode escapar o quanto tudo isso seja relevante numa época marcada por fortes individualismos que, às vezes, se refletem também na experiência cotidiana da nossa vida fraterna. A celebração da Eucaristia, porém, coloca-nos imediatamente em relação com os outros. Ela só é possível em força da continuidade do ministério apostólico e da pertença à comunhão eclesial. No “memorial”, momento substancialmente celebrativo e ritual, nós somos ligados a todas as igrejas do mundo e aos discípulos que, desde a Ceia, se sucederam até nós.

O próprio fato de reunir-nos para celebrar, constitui um grande ato de fé: aquilo que nos move não é um projeto ou cálculo pessoal, mas a consciência de dever prestar obediência ao mandamento de Jesus, todos juntos, como comunidade de discípulos.

Olhando com maior profundidade para a celebração litúrgica, percebemos que, além de ser expressão da fé cristã, ela é mais radicalmente expressão e visibilização da ação de Cristo Jesus. Os gestos litúrgicos que fazemos só têm sentido enquanto referem-se a algo que ele mesmo realiza, hoje, através de nós. O protagonista da ação litúrgica é Ele; o rito todo, em sua beleza e sobriedade, quer deixar transparecer justamente esta Sua divina presença.

A desproporção existente entre a simplicidade dos gestos rituais e a grandeza do mistério que contêm, e a dúplice epiclese sobre os dons e sobre a assembléia que enquadra a narração da instituição na Oração Eucarística, dizem cotidianamente que não somos nós a origem do sacramento e da sua eficácia salvífica: aquilo que nele se realiza vem do Alto. Evite-se, por isso, em nossas celebrações, tudo o que pudesse dar a idéia do nosso protagonismo autônomo, que distrai do essencial.

Sobretudo aqueles dentre nós que são sacerdotes, devem trazer à mente, com freqüência, que a sua missão presidencial não é exercício de uma autoridade sobre a Eucaristia, mas serviço de representação do Senhor, segundo as indicações da Igreja. Quem pensasse que pode dispor e decidir sobre os ritos com um certo arbítrio, em nome do ministério que recebeu, demonstraria uma concepção ministerial muito clerical, que atribui ao subjetivismo do padre um papel normativo para toda a comunidade.

Diante dessa tentação, que pode se insinuar em nós de tantos modos, devemos renovar a alegria de dar as mãos, os sentidos e a voz à ação de um Outro que encontra, em nossa disponibilidade de representá-lo, o espaço para tornar presente a sua iniciativa pessoal de amor. Em outras palavras, nós ministros presidimos a Eucaristia *in persona Christi*; pessoalmente não temos qualquer poder mágico de aprisionar a presença do divino,

mas apenas a missão de tornar visível a ação com que Cristo, na gratuidade do seu amor, vem se fazer livremente presente em nosso meio.

### 3.2 “Vós sois o corpo de Cristo”<sup>37</sup>

“Se quiseres compreender o corpo de Cristo, escuta o Apóstolo que diz aos fiéis: Vós sois o corpo de Cristo, seus membros (1Cor 12,17). Sendo, então, o corpo de Cristo e seus membros, o vosso sagrado mistério é colocado sobre a mesa do Senhor: o vosso sagrado mistério, vós o recebeis. Àquilo que sois, respondi ‘Amém’. Sede (realmente) corpo de Cristo, para que o ‘Amém’ seja verdadeiro!”<sup>38</sup>

O texto de S. Agostinho introduz em outro aspecto que desejamos levar em consideração: a eucaristia como sacramento que forma a Igreja.

Escutamos freqüentemente a expressão: “A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”. Ambas nascem e crescem juntas. A Eucaristia reúne a Igreja e torna-a visível. Isso acontece todos os domingos em todas as igrejas. A Eucaristia, porém, constrói sobretudo a realidade interior da Igreja, como faz o alimento assimilado pelo nosso corpo; reforça nela a consciência do mistério em que se funda a sua existência.

A celebração eucarística não existe como fim em si mesma ou para permanecer enclausurada no tempo e no lugar em que é celebrada; quer dar origem a uma humanidade que viva em comunhão de amor e compromisso com Jesus. O pão e o vinho, que apresentamos no altar, são transformados no Corpo e Sangue de Cristo, para que todos aqueles que comungam frutuamente nesse mistério sejam uma só coisa em Cristo.

<sup>37</sup> 1Cor 12,27

<sup>38</sup> S. AGOSTINHO, *Discursos*, 272

Dizendo “Amém” ao corpo eucarístico, dizemos também “Amém” ao corpo eclesial: acreditamos que é real e queremos fazer parte dele, segundo as condições exigidas pela sua natureza.

Deriva, dessa verdade, a tradição espiritual que considera a Eucaristia sacramento da caridade, da unidade, da comunhão fraterna.

Não escapa a nenhum de nós o quanto é relevante essa verdade para a nossa vida cotidiana e a nossa ação pastoral. Ela ensina-nos que, de fato, não há outro modo de realizar a comunhão entre os homens e contrapor-se à lógica desagregadora do pecado a não ser entrando na Nova Aliança, oferecida pela Eucaristia, onde a proximidade benévola e acolhedora de Deus permite que nos abramos uns aos outros, reconheçamos e acolhamos as nossas diversidades como um dom e nos honremos como irmãos no serviço recíproco.

À luz da Eucaristia, a edificação do Reino, da Igreja e da nossa vida fraterna não aparece como obra titânica da nossa boa vontade, mas fruto da Páscoa do Senhor, que está diante de nós para que nós caminhemos para ela e nos deixemos invadir por ela.

Os documentos recentes sobre a vida religiosa insistem nesse ponto e convidam a uma intensa redescoberta da origem eucarística da vida comum. Assim, por exemplo, o documento sobre a vida fraterna em comunhão recorda que “é ao redor da Eucaristia, celebrada e adorada, ‘vértice e fonte’ de toda a atividade da Igreja, que se constrói a comunhão dos espíritos, premissa de qualquer crescimento na fraternidade”<sup>39</sup>, e depois, citando um texto conciliar, continua: “É aqui que deve encontrar a sua origem, qualquer tipo de educação ao espírito de comunidade”<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*, 14

<sup>40</sup> PO, 6

### 3.3 “Anunciamos a tua morte”<sup>41</sup>

Uma vez que está na origem da Igreja, a Eucaristia está na origem da missão da Igreja. O Concílio Vaticano II já ensinou com autoridade que “todos os sacramentos, como também todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão estritamente conexos com a sagrada Eucaristia e a ela orientados”<sup>42</sup>.

Não demos um caráter vago e simplesmente alusivo a essas afirmações, mas procuremos perceber o seu peso real para a nossa vida espiritual e apostólica.

Dizer que a missão nasce da Eucaristia, significa reconhecer que a nossa ação educativa e apostólica não pode ser outra que a participação na missão de Jesus.

Ora, é justamente essa participação que não devemos dar por certa, nem já tê-la como fundamentalmente garantida pela nossa consagração. O Evangelho recorda com insistência particular que se pode estar na vinha do Senhor, sem, porém, trabalhar verdadeiramente segundo as suas intenções e ao seu serviço.

A descoberta da nossa identidade de enviados do Ressuscitado é fruto de um longo caminho de amadurecimento apostólico, marcado pela purificação das motivações que nos impulsionam e orientam para uma entrega sempre mais profunda às exigências do Reino. E é justamente essa entrega de si que constitui a verdadeira alma da missão e diferencia o bom pastor, que dá a vida pelas ovelhas, do mercenário que, aparentemente, faz tantas coisas, mas não ama o próprio rebanho.

Não há missão cristã e não há evangelização sem dedicação gratuita por amor a Deus e aos irmãos. Ela nasce da Eucaristia porque é participação na mesma missão de Cristo, culminada na Cruz e presente hoje pela ação sacramental e pelo Espírito.

<sup>41</sup> PO, 5

<sup>42</sup> Ib.

A afirmação das nossas Constituições, de que “o espírito salesiano encontra seu modelo e fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai”<sup>43</sup>, vê a sua máxima realização, justamente na Eucaristia. Ali o coração de Cristo, enviado pelo Pai e verdadeiro missionário do Reino, configura-nos a si, fazendo-nos apóstolos seus. Não seremos apóstolos entre os jovens, se na celebração eucarística não formos discípulos que sabem pousar a cabeça no coração do Mestre, como João na Última Ceia.

#### 4. APELO À CONVERSÃO

Quando aproximamos aquilo que dissemos da espiritualidade salesiana, vêm à nossa mente imagens e frases quase lapidares: as três devoções, os pilares do Sistema Preventivo, o sonho das duas colunas.

Os *slogans* genéricos, contudo, embora contenham mensagens precisas, correm o risco de ficar inativos e até mesmo incompreensíveis, se não conseguirmos trazê-los ao nosso cotidiano.

As máximas sintéticas, com que Dom Bosco entregou à sua família as próprias convicções eucarísticas, eram o resultado de uma experiência espiritual e uma longa praxe pedagógica.

##### 4.1 Dom Bosco, homem eucarístico

Escreve o P. Lemoyne: “Muitíssimos afirmam o que nós, pessoalmente, experimentávamos todos os dias. Assistimos tantas e tantas vezes à sua Missa; entretanto apossava-se sempre de nós um suave sentimento de fé, ao observar a devoção que transparecia de toda a sua postura, a exatidão em executar as sagradas cerimônias, o modo de pronunciar as palavras e a unção

<sup>43</sup> C 11

que acompanhava suas orações. Jamais cancelava-se a edificante impressão recebida”<sup>44</sup>.

A celebração eucarística era, segundo essas palavras, uma experiência de tal intensidade, que transparecia também exteriormente, de tal forma envolvente, que deixava em todos uma recordação e um desejo de aproximar-se pessoalmente da Eucaristia.

Os vértices de intensidade alcançados por Dom Bosco na celebração eucarística, acompanhados às vezes de fenômenos extraordinários, não foram momentos repentinos e isolados, mas o resultado de um caminho marcado pela rigorosa disciplina interior e por uma fidelidade a toda prova.

Sabemos o quanto Dom Bosco circundasse a celebração eucarística de um clima de recolhimento silencioso que, pessoalmente, respeitava e inculcava nos outros. “Ele tinha orientado que ninguém conversasse mais, após as orações da noite e até à manhã depois da Missa. Aconteceu, várias vezes, que nos encontrássemos com ele pela manhã, quando descia do quarto para ir à igreja. Naquele momento, ele aceitava o cumprimento com um sorriso, deixando que lhe beijassem a mão, mas não dizia qualquer palavra, tão recolhido estava em preparação à Missa”<sup>45</sup>.

Dom Bosco, capaz de uma atividade e alegria explosivas, diante do mistério eucarístico aparece-nos, também, como homem do silêncio orante, que envolve no recolhimento o encontro sacramental com Cristo.

Há o que meditar nessa sua postura. O silêncio, de fato, não é um elemento extrínseco à Eucaristia, quase devocional, mas um seu componente essencial, que remete justamente ao seu mistério: às noites silenciosas em que Jesus amadurecia a sua missão, recolhido em oração; ao silêncio, sobretudo da noite

<sup>44</sup> MB I, p. 520

<sup>45</sup> MB IV, p. 456

em que a Eucaristia teve origem, marcada por Jesus com a oferta filial ao Pai no Horto das Oliveiras, sem conseguir envolver a cansada e distraída companhia dos discípulos, que pouco antes também tinham participado das primícias eucarísticas da Ceia.

A vida, muitas vezes frenética, a que somos chamados em jornadas cheias de compromissos apostólicos, tem uma necessidade essencial deste silêncio regenerador: é uma condição para que a celebração não se torne uma formalidade exterior, que nos encontra incapazes de escutar a Palavra e comungar com o Senhor.

É tal a importância que Dom Bosco atribuía a essa preparação, como também à ação de graças, que em seu testamento, redigido em 1884, teve o escrúpulo de escrever: “Devo desculpar-me se alguém observou que muitas vezes eu fiz uma preparação muito breve ou uma ação de graças muito breve à Santa Missa. Eu era levado, de certa forma, a isso pela multidão de pessoas que me rodeavam na sacristia e me tirava a possibilidade de rezar, seja antes seja depois da Santa Missa”<sup>46</sup>.

Quando confrontamos essas palavras com o que sabemos do teor da sua interioridade, não podemos ficar senão confusos por essa sua confissão e perguntar-nos se conhecemos e levamos a sério os ensinamentos espirituais do nosso Fundador.

## 4.2 Uma pedagogia original

A experiência pessoal e a visão sacerdotal da alma dos jovens levaram Dom Bosco a elaborar uma mistagogia ou iniciação ao mistério eucarístico.

Ele evidencia, na página das *Memórias do Oratório*, em que recorda a sua primeira comunhão, alguns elementos de

<sup>46</sup> MB XVII, p. 272

pedagogia espiritual, que terá como preocupação por toda a sua vida e proporrá insistentemente aos seus jovens.

Dom Bosco conta como, devido ao interesse da mãe, ele pôde fazer a comunhão um ano antes de seus companheiros. O seu pensamento de Mestre de espírito dos jovens, formulado no texto sobre o Sistema Preventivo, aparece nas entrelinhas: “Afastete-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiadamente adiantada. [...] Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste reinar nessa alma abençoada”<sup>47</sup>.

Há depois a repetida insistência sobre o clima de recolhimento em que teve lugar aquele acontecimento: “Minha mãe procurou assistir-me vários dias. [...] Em casa, fazia-me rezar, ler um bom livro, dando-me aqueles conselhos que uma mãe industriosa sabe ser oportunos para seus filhinhos. Não me deixou falar com ninguém naquela manhã, acompanhou-me à sagrada mesa e fez comigo a preparação e a ação de graças [...]. Não quis, naquele dia, que me ocupasse em qualquer trabalho material, mas que o passasse a ler e rezar”<sup>48</sup>.

Dom Bosco sublinha, com a mesma insistência, a ligação entre comunhão eucarística e sacramento da Confissão, ao qual a mãe não só o convidou, como o preparou, com recomendações sobre a sinceridade, o arrependimento e o propósito que serão, depois, os ensinamentos dados por Dom Bosco educador aos seus meninos.

Há, enfim, o aceno à novidade de vida, à qual a experiência sacramental está ligada, e aos frutos espirituais de que é portadora. Mãe Margarida disse: “Querido filho, este foi um grande dia para ti. Estou certa de que Deus realmente tomou posse

<sup>47</sup> *O Sistema Preventivo na educação da juventude*. Apêndice às Constituições, p. 234

<sup>48</sup> M.O., caderno I, linhas 296-309 (passim)

do teu coração. Promete-lhe, agora, que farás o que puderes para conservar-te bom até ao fim da vida. Quanto ao futuro, vai comungar muitas vezes, mas guarda-te bem de cometer sacrilégios”. E Dom Bosco narrador comenta: “Conservei e procurei praticar as orientações da piedosa mãe; e parece-me que, desde aquele dia, houve alguma melhora na minha vida, especialmente na obediência e submissão aos outros, que antes me causavam grande repugnância [...]”<sup>49</sup>.

Não é difícil perceber nessas páginas a experiência do educador experto que, enquanto narra a própria história aos primeiros Salesianos, evidencia comportamentos e atenções aos quais se deve dar um valor permanente.

Uma análise minuciosa do texto revelaria aspectos muito significativos do “vocabulário” espiritual do nosso Fundador. A nós, porém, é suficiente colher agora alguns elementos pedagógicos.

O primeiro elemento é *a intensa carga simbólica e o forte impacto existencial que acompanham a participação na Eucaristia*. Dom Bosco detém-se intencionalmente no modo com que Mãe Margarida lhe apresentou o acontecimento da primeira comunhão: não como etapa certa e quase automática, mas como experiência determinante, em vista da qual se orientam opções e compromissos cotidianos. É o que ele praticou em Valdocco, com uma dosagem sábia de intervenções educativas e pastorais que, num clima de liberdade, tem em vista propor a Eucaristia como o momento central e mais qualificante da vida oratoriana. Boa parte da eficácia do seu método educativo derivava dessa orientação, carregada de fervor e capaz de suscitar expectativa e desejo.

Isso oferece algum motivo de revisão também a nós: leva-nos a perguntar-nos se a nossa pedagogia tem clareza de objetivos e ressonância afetiva ao mistério eucarístico, sem o

<sup>49</sup> M.O. caderno I, linhas 317-320

que não se pode pensar a figura de Dom Bosco. A primeira condição, embora não única, para fazer descobrir a riqueza do mistério sacramental de Cristo é, de fato, um ambiente e um grupo de educadores que vivam apaixonadamente daquele mistério. Foi assim para a Igreja primitiva, foi assim para João Bosco menino e para Dom Bosco educador. Só nessas condições poderá sê-lo também para nós.

Reconheçamos, pois, com franqueza, que o primeiro motivo de dificuldade da nossa pastoral eucarística pode estar justamente, embora não de modo necessário, na atonia eucarística de nossas comunidades e ambientes. Lá onde a Eucaristia for o eixo de uma vida cotidiana iluminada pela fé e inspirada na confiança alegre, a pastoral eucarística já encontrou o seu recurso mais fundamental.

O segundo elemento, estritamente ligado ao primeiro, é a importância de uma *pedagogia personalizada*, que leve o menino e o jovem ao encontro interior, não ritual, com a Eucaristia. Mamãe Margarida, na experiência emblemática de João Bosco menino, faz com que ele percorra um caminho que traz fundamentalmente os traços do catecumenato antigo. Mamãe Margarida, sem sabê-lo, tirava do seu tesouro de sabedoria e fé os elementos que a Igreja sempre teve como indispensáveis para que o sacramento possa ser frutuoso, e que Dom Bosco reafirmará infinitas vezes com a palavra “preparação”: a Eucaristia é frutuosa quando preparada. A preparação, porém, não consiste em técnicas ou expedientes extraordinários, mas num caminho proporcionado à idade de oração, responsabilidade, purificação e instrução.

Há, também aqui, motivos de reflexão para a nossa pastoral, que pode correr o risco de superestimar os expedientes técnicos para tornar a celebração mais “interessante”, e subestimar a atração interior, exercida pelo Espírito nos corações, quando eles abrem-se à oração e empenham-se na luta contra o mal.

Há uma ação de Graças, que de modo algum podemos substituir, porque é obra do Espírito, que convence interiormente e leva à verdade toda inteira. A preparação sacramental consiste, antes de tudo, em ajudar os corações a dispor-se a essa ação, libertando-se do pecado e aprendendo a experimentar a beleza da vida espiritual.

Seriam muitas ainda as páginas que podem iluminar a relação de Dom Bosco com a Eucaristia: basta pensar na formação seminarística de João em Chieri, nos inícios do seu ministério, nas esplêndidas páginas das suas Boas-Noites e sonhos (o das duas colunas, por exemplo) em que a referência a “Jesus Sacramentado” é constante e articulada às biografias dos seus meninos, nas quais é indicado um percurso de pedagogia sacramental cujo fruto é o êxtase de Domingos Sávio. Trata-se de um conjunto de elementos que demonstram a atuação efetiva das palavras programáticas: “A confissão freqüente, a comunhão freqüente e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara”<sup>50</sup>.

### 4.3 A Eucaristia e o “Da mihi animas”

Os breves acenos anteriores fazem perceber a importância que a Eucaristia tem no pensamento de Dom Bosco e, portanto, na espiritualidade original que devemos traduzir fielmente em nosso tempo.

O elemento mais revelador, porém, de até que ponto o mistério eucarístico marca a vida de Dom Bosco e, portanto, também a nossa de Salesianos, é a relação com a caridade pastoral que ele expressou no lema “*Da mihi animas, cetera tolle*”.

<sup>50</sup> *O Sistema Preventivo na educação da juventude*, Apêndice às Constituições, p. 233

Essas palavras que repetimos e fizemos nossas, constituem o propósito e o caminho de Dom Bosco para configurar-se a Cristo, que oferece ao Pai a própria vida pela salvação dos homens. Temos de meditá-las à luz da Eucaristia, como a parábola do Bom Pastor, para penetrá-las mais a fundo, repeti-las com mais convicção e traduzi-las com eficácia em experiência cotidiana.

Colocado sobre o fundo da Eucaristia, o “Da mihi animas” parece-nos, mais que um lema, uma oração, eco da oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia: “(Pai), eram vossos e vós os destes a mim. [...] Eu me consagrado por eles”<sup>51</sup>. É a expressão mais alta do nosso diálogo e relação com Deus, e ajuda-nos a superar a dicotomia entre trabalho e oração que nem sempre conseguimos evitar em nível existencial.

O “Da mihi animas” é, antes de tudo, o reconhecimento de que Deus é o protagonista ou ator principal da missão. É Ele quem nos introduz no serviço apostólico dos irmãos, fazendo-nos passar através da invocação dirigida ao Pai. Dizer: “Dai-me almas” significa, primeiramente, invocar a intervenção do Senhor, entregar-se ao seu amor atencioso e dar espaço à sua iniciativa de salvação.

Renova-se, dessa forma, em nós, a consciência de Dom Bosco e dos grandes apóstolos de todos os tempos, que sempre perceberam o movimento de caridade pelos outros e as energias suscitadas em nós como provindas de Deus, e que a nossa ação deve relacionar-se em tudo e por tudo a Deus.

Foi essa, por outro lado, a atitude de Jesus. Ele entendeu a sua vida como uma missão confiada pelo Pai, e deixou-nos a sua oferta eucarística, como um dom do Pai, que “tanto amou o mundo a ponto de dar-nos o seu Filho”<sup>52</sup>.

<sup>51</sup> Jo 17, 6.19

<sup>52</sup> Jo 3,16

O caráter de oração humilde e corajosa do “Da mihi animas” deriva do reconhecimento da iniciativa do Pai. Pedimos a Ele que faça de nós um ponto de irradiação do Reino, capaz de atrair as almas a Cristo e, portanto, à salvação. Trata-se de um pedido muito singular, que só podemos fazer por saber que corresponde ao coração de Deus que quer os homens envolvidos em seu plano de amor, plena e ativamente. Fazemo-lo com fé e coragem, conscientes de não pedirmos “almas” para nossa gratificação, mas para poder servi-las com humildade e dedicação.

Tal oração comporta para nós um caminho de configuração paciente a Cristo. A oração do “Da mihi animas” não soa pretensiosa somente em seus lábios, porque, elevado da terra, ele pode atrair todos a si. Sabemos que na Eucaristia Jesus quer compartilhar conosco essa caridade que, levando-o à elevação pascal na cruz, torna-o centro misterioso de atração.

A Eucaristia ilumina, assim, um outro aspecto do “Da mihi animas”. Quando Dom Bosco interpreta o seu lema com as palavras “procura fazer-te amar”, não propõe aos seus colaboradores só o desenvolvimento de dotes naturais de simpatia, tão importantes no âmbito educativo, mas pede, mais profundamente, para compartilhar o itinerário com que Cristo “procurou fazer-se amar”, ou o itinerário do dom cotidiano de si.

Só a caridade evangélica, brotada do coração de Cristo, na comunhão com o seu Corpo e Sangue, poderá dar um verdadeiro ascendente espiritual ao educador, totalmente purificado das formas de protagonismo e de captação de simpatia, e plenamente livre para irradiar junto aos jovens o fascínio dos homens de Deus.

O “*Da mihi animas*” completa-se, por isso, no “*Cetera tolle*”. Não é possível participar da ação salvífica de Cristo, sem subordinar a esse empenho todos os demais interesses e desejos. Compreendemos, então, o lema de Dom Bosco como uma oração

de oferta que, à imitação da oração sacerdotal de Jesus, não exclui da própria disponibilidade nenhum âmbito existencial: tempo, amizades, profissionalismo.

O “*Cetera tolle*” refere-se a tudo, é um impulso totalizador, como a Eucaristia. Dom Bosco traduziu-o em palavras e obras muito concretas: ele prometeu a Deus que até o seu último suspiro seria pelos jovens. E foi realmente assim. A participação sacramental no sacrifício de Cristo leva a identificar-nos em seus sentimentos apostólicos e em sua dedicação generosa pelas exigências do Reino.

Convido-vos a renovar todos os dias, na Eucaristia, a oração pessoal do “*Da mihi animas, cetera tolle*”. Essa expressão, no diálogo íntimo com o Senhor, haverá de colorir-se de mil matizes, adquirir dentro de nós um novo relevo existencial e traduzir-se na “operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus, que deve ser a característica dos filhos de S. João Bosco”<sup>53</sup>.

#### **4.4 Um caminho em nossas comunidades**

As reflexões que desenvolvemos acima, sugerem muitas aplicações, antes de tudo, para nossas comunidades salesianas.

A Eucaristia é essencialmente uma celebração comunitária, isto é, envolve todos os cristãos enquanto membros do Povo de Deus e, portanto, cada um de nós como membros de uma comunidade. É ela o sujeito da celebração.

A primeira pista a sugerir refere-se aos *momentos celebrativos na comunidade*. Trata-se de redescobrir o valor humano e espiritual de celebrar juntos e tirar as conseqüências disso.

<sup>53</sup> C 95

Diante dos riscos de uma vida consumida na distração do coração e na gestão individualista dos compromissos, a celebração eucarística leva-nos ao essencial, pedindo-nos para fazer juntos a memória de Cristo e oferecendo-nos a comunhão na sua caridade, na máxima mediação sacramental.

Cada comunidade saberá reconhecer em que fazer consistir esse relevo mais evidente da Eucaristia. Não raramente será o tempo menos sacrificado, a participação mais ativa, a preparação mais cuidadosa, o frescor de referência ao cotidiano.

É necessário que voltemos a descobrir um modo de celebrar que tenha verdadeira dignidade litúrgica. A nossa abertura ao Outro, que deve ser percebido, acolhido, ouvido e contemplado na fé, e cuja divina presença justifica o cuidado dos particulares e a generosidade do esforço, realiza-se no cuidado atento aos gestos expressivos, à digna proclamação da Palavra de Deus e dos textos eucológicos, à beleza do canto e dos ornamentos, ao respeito dos momentos de silêncio.

Os jovens são particularmente sensíveis à genuinidade dos gestos simbólicos, de que a liturgia é rica, e adquirem facilmente uma idéia da nossa fé, observando mais a sinceridade e a qualidade das nossas celebrações do que escutando os nossos discursos.

Nesse clima, podemos propor-nos a valorização da Concelebração dos membros da comunidade, ao menos semanalmente no dia da comunidade. Como também estudar uma maior freqüência da adoração eucarística comunitária, que renova a adesão de fé e a atenção orante à presença de Cristo entre nós, ou o particular cuidado das liturgias dominicais e festivas através da reflexão em comum da Palavra que devemos compartilhar com os jovens e o povo.

Seria belo, ainda, que a Eucaristia comunitária se abrisse, como já acontece em muitos lugares, aos jovens com os quais que-

remos formar uma só família. Isso haveria de enriquecer as nossas assembléias de frescor juvenil, enquanto ajudaria os jovens a fazer experiências válidas de vida interior e partilha espiritual.

Temos todos experiência de celebrações nas quais parece que o gesto e a palavra adquirem o seu significado total. O próprio visitante, que vem de fora, percebe um só coração e uma só alma. Outras vezes, respira-se uma atmosfera diversa: fusão imperfeita de corações na assembléia, dissociação entre rito e vida, um caminho eucarístico ainda incerto.

Dizem-nos as *Constituições*: “A Eucaristia é o ato central cotidiano de toda a comunidade salesiana, vivido como festa numa liturgia viva. Nela a comunidade celebra o mistério pascal e entra em comunhão com o Corpo de Cristo imolado para nEle construir-se como comunhão fraterna e renovar seu compromisso apostólico”<sup>54</sup>.

*A segunda pista a sugerir é a ligação visível entre Eucaristia e vida fraterna.*

Meditamos como da Eucaristia nasce a Igreja, experiência de comunhão entre os homens em nome de Cristo e anúncio do Reino que se faz presente na história. Trata-se de tirar daí conclusões operativas que não são automáticas, mas exigem a contribuição generosa de cada um.

Falar da Eucaristia e, sobretudo, celebrá-la não tem qualquer sentido se as comunidades não se empenharem para superar as tensões e divisões que possam atravessá-las. Devemos ser muito simples e autênticos nisso, sabendo que nos devemos confrontar com um ensinamento bíblico que não deixa espaço a medias medidas ou compromissos.

Pode ser útil reler pessoal e comunitariamente o texto da primeira carta aos Coríntios, capítulos 10 e 11, onde Paulo

<sup>54</sup> C 88

evidencia o quanto a Eucaristia é incompatível com as divisões, os fechamentos recíprocos, o individualismo em todos os sentidos. Como diz o Apóstolo, “cada um examine a si próprio”<sup>55</sup> e, tomando consciência de que há um só pão para formarmos todos um só corpo, evite profanar o Sacramento do Senhor.

A comunhão sacramental não nos leva à comunhão de vida com Cristo se excluirmos os irmãos da nossa estima e relacionamento, se conservarmos rancores e não dermos a nossa contribuição para construir a fraternidade. A Eucaristia existe para que nos amemos, perdoemos e deixemos o Senhor edificar a casa que ele quer habitar.

Após ter invocado o Espírito para que o pão e o vinho se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo, pedimos-lhe na oração eucarística que, em força da ação sacramental, também nos reúna num só corpo. O amor fraterno e a Eucaristia são dois sinais que não se podem separar. Quando não existe o primeiro, dá-se uma “mentira no sacramento”. Quando não se vive a Eucaristia, o amor perde as suas dimensões e separa-se de sua fonte de alimentação. “Senhor, fazei que da participação a tão grande mistério consigamos a plenitude de caridade e de vida”<sup>56</sup>. Seja esta a expressão intensa dos nossos desejos e o esforço autêntico da nossa vontade.

A terceira pista é a *referência pessoal, interiorizada e convicta, ao mistério da Eucaristia*.

“Conseguiremos formar comunidades que rezam, só se nos tornarmos pessoalmente homens de oração”<sup>57</sup>. A afirmação feita pelas Constituições à nossa vida de oração em geral, vale de forma toda particular para a Eucaristia.

<sup>55</sup> 1Cor 11,28

<sup>56</sup> cf. Orações Eucarísticas (IV, V, *passim*)

<sup>57</sup> C 93

Será necessário, antes de tudo, amadurecer um conhecimento mais profundo deste sacramento. Levados como somos pelo imediatismo dos desafios de cada dia, talvez, há anos não tenhamos lido alguma obra séria e convincente de teologia eucarística; a consequência será uma compreensão muito desbotada do mistério e a fragilidade das motivações interiores. O Congresso Eucarístico mundial do Jubileu colocará, certamente, à nossa disposição contribuições e estímulos que não devemos deixar apenas à atenção dos especialistas.

Devemos redescobrir, também, a lição que nos vem de Dom Bosco, ou seja, a síntese, a “esplêndida harmonia”<sup>58</sup> entre oração e dedicação apostólica unificadas no “Da mihi animas”. Buscamos na oração e na ação pastoral uma só coisa: a participação na caridade de Cristo, que a Eucaristia nos torna possível.

Será, pois, importante, que cada um de nós colha a ocasião de graça deste Jubileu, para retornar às raízes mais autênticas da própria vocação, e renove com convicção a adesão à caridade pastoral pelos jovens, característica da nossa espiritualidade.

Devemos, porém, neste caminho, levar em conta e evitar o risco das ilusões. A síntese de trabalho e oração num único movimento de caridade para com Deus e com os irmãos não é objetivo que se possa conseguir através de um percurso qualquer. O mistério da Eucaristia não é só um motivo inspirador, mas é, antes ainda e muito mais, momento imprescindível em que se forma o coração contemplativo e apostólico, em contato com o coração de Cristo. Existe entre a práxis eucarística e a síntese apostólica adquirida uma consequencialidade que não se pode subverter.

Seria ingênuo presumir que podemos ser generosos e desinteressados no serviço aos jovens, sem cultivar uma piedade

<sup>58</sup> C 21

eucarística robusta. Onde faltar uma intensa referência à Eucaristia, como centro da existência cristã, não poderá haver nem contemplação nem apostolado, porque eles, ou caminham juntos ou caem juntos.

Perguntemo-nos portanto, sobre o que fazer pessoalmente a mais, para corresponder ao mandamento de Cristo: “Fazei isto em memória de mim”<sup>59</sup>. Nossa tradição deixa muito espaço à iniciativa de cada um no âmbito das formas pessoais de piedade eucarística; isso não significa, porém, que o esforço exigido seja menos intenso e que qualquer atitude seja igualmente frutuosa.

Um filho e discípulo espiritual de Dom Bosco sabe encontrar, cotidianamente, espaços de silêncio diante da Eucaristia na forma tradicional das “visitas” ou em outras expressões de autêntica adoração e comunicação.

#### **4.5 O percurso educativo com os jovens**

Se o nosso esforço comunitário e pessoal de redescoberta da Eucaristia for autêntico, produzirá frutos pastorais abundantes.

Os desafios de nossos tempos estão como que nos levando a unificar novamente conhecimento teológico, vida espiritual e práxis pastoral.

Convicções e experiências comunitárias levam-nos a reconhecer que a atividade pastoral não é uma técnica, mais ou menos refinada, colocada a serviço do Evangelho: ela é, sobretudo, um testemunho de vida, que brota da comunhão profunda com o Senhor. Quanto mais intensa e perseverante ela for, tanto mais cada uma de nossas palavras e cada uma de nossas ações serão transparência que revela a vinda do Reino.

<sup>59</sup> Lc 22,19

A primeira aplicação disso, em âmbito pastoral, refere-se à *comunidade educativa*. A atenção renovada à Eucaristia levará a projetos segundo o espírito do Evangelho. A caridade tem a sua modalidade específica de ver, avaliar e reagir às situações e desafios pastorais. Tem olhos próprios, inteligência própria, criatividade própria, descortino próprio, que de modo algum pode ser substituída. São coisas que sabemos, mas que precisamos nos repetir continuamente, para evitar o risco de assumir em nossa ação apostólica modelos de organização e elaboração que respondam a dinâmicas e lógicas diversas daquelas do Reino.

A Eucaristia diz-nos, por exemplo, que a comunidade cristã jamais poderá organizar a própria experiência de fé seguindo apenas os modelos de uma empresa. E isso em níveis variados, que vão do plano das motivações da ação ao estilo das relações, dos critérios das decisões às modalidades de representação, do tipo de autoridade às formas de gestão econômica. O Reino tem a sua dinâmica e a sua lógica inconfundíveis. Devemos vencer a tentação de não tê-la como praticável, porque justamente a Eucaristia nos oferece todos os dias a sua atualidade e possibilidade de atuação.

A tradução mais imediata dessa orientação será o reconhecimento de que apenas a Eucaristia poderá dar a justa fisionomia à comunidade educativa e pastoral (CEP), que nos empenhamos em construir em cada obra. A forma de encontro, participação, co-responsabilidade, inspiração carismática, atenção à Palavra de Deus, prática da caridade evangélica que queremos viver, só podem existir a partir da comunhão autêntica no mistério de Cristo.

Fora dessa comunhão não pode existir comunidade educativa e pastoral porque, fora dessa comunhão, simplesmente não existe Igreja. Não devemos temer que a Eucaristia, colocada no centro da CEP, gere exclusão ou seletividade entre destinatários e

colaboradores; antes, devemos estar certos do contrário. É, de fato, justamente e somente da comunhão com Jesus eucarístico que podemos aprender a abertura a todos, o interesse sincero por quem tem maior dificuldade no caminho humano e de fé, a superação das nossas resistências interiores. Sabemos que, num mundo onde a atenção à comunicação tem grandíssimo relevo, só a comunhão com Cristo pode habilitar-nos verdadeiramente a comunicar e a sermos construtores de comunhão.

A experiência carismática de Valdocco confirma-nos, por outro lado, que o segredo da ação pastoral eficaz está no ambiente explicitamente eucarístico. Nele, também quem se aproxima de maneira marginal ou com um tipo de questionamento que não é diretamente religioso, intui que a resposta generosa e afetuosa recebida nasce da caridade de Cristo.

Há um outro âmbito no qual o mistério eucarístico exige de nós uma atenção maior e um crescimento convicto: o dos nossos *itinerários educativos e pastorais*.

A Eucaristia pode sugerir-nos uma revisão, tanto a respeito dos objetivos como das modalidades de proposta.

Devemos fazer com que seja novamente nosso, no plano dos objetivos, o que era o objetivo de Dom Bosco, ou seja, a proposta da santidade cristã aos jovens. Sabemos que a situação dos nossos jovens é muito diversificada. Assim que ouvimos a palavra “santidade”, podemos perceber a impressão de uma avaliação abstrata e ingênua das coisas.

É importante, contudo, não nos deixarmos levar pelo engano de uma idéia milagrosa de santidade, destinada a jovens extraordinários, e tenhamos diante dos olhos o modelo de santidade juvenil que Dom Bosco, com tanta simplicidade e naturalidade, apresentava aos seus jovens, pública e pessoalmente: uma santidade feita de vontade generosa, conhecimento e amizade

com Deus, prática sacramental, compromisso cotidiano no próprio crescimento, alegria genuína, serviço entre os companheiros e doação em outros campos congeniais aos jovens.

São estes os nossos objetivos educativos, pelos quais demos e damos a vida todos os dias, na convicção de que também os jovens mais difíceis são chamados a descobrir com alegria e a experimentar Deus em suas vidas, e que tudo é possível a quem tem fé.

Em todo o caso, os jovens que freqüentam nossos ambientes têm o direito de ouvir de nós, com simpatia e compreensão, mas também com arrebatamento e sentido de proposta, aquilo a que Deus os destinou e o quanto paternalmente pensa neles e os quer. Somos pais espirituais dos jovens para fazê-los caminhar, para indicar-lhes a meta. Não há nada de mais belo que possamos fazer por eles do que propor, nos modos e formas que a caridade e a experiência pedagógica sugerem, a comunhão vital com Aquele que é o Santo de Deus, a Luz, a Verdade e a Vida.

É necessário refletirmos seriamente, no plano das modalidades, para verificar se conseguimos evitar o risco de propor um cristianismo caracterizado mais pelas “coisas” a fazer pelo Senhor, do que pela “relação” pessoal com Ele.

A polêmica de São Paulo, contra uma justificação que vem das obras, adverte para não substituir a feliz experiência de encontrar o amor gratuito do Senhor, que é o centro e a origem de tudo, com o simples envolvimento em iniciativas benéficas e caritativas.

Acontece, não raramente, em nossos ambientes, encontrar jovens de boa vontade, que também sabem dedicar muito tempo a atividades educativas pelos mais pequenos ou mais pobres, mas com dificuldade de entender e praticar o encontro sacramental com o Senhor. Isso deve fazer-nos refletir seriamente sobre a imagem de cristianismo que brota de nossos discursos, de nossas propostas e de nossa vida.

Trata-se de um caminho de revisão que não é somente nosso, mas que a Igreja inteira sente que deve fazer. Muitos pastores e muitas vozes autorizadas fizeram ressoar esse apelo nestes anos. Um dos componentes fundamentais do caminho jubilar é, por sua vez, a necessidade de redescobrir o primado da Graça, a centralidade da relação com Cristo e o caráter constitutivo da experiência sacramental.

Por isso, devemos interrogar-nos com coragem e saber traduzir de forma educativa, a alegre notícia que ressoa há dois mil anos: o Verbo fez-se carne para oferecer-nos a sua amizade.

Não é possível exemplificar aqui a forma com que o primado da Graça deve traduzir-se em itinerários educativos. Servirá de ajuda retomar a experiência educativa de Dom Bosco. Entre os muitos pontos que, colocados em nosso contexto, podem-nos fazer refletir, há a insistência sobre a frequência sacramental como motor do caminho na graça e na generosidade apostólica; há a pedagogia da festa, em que o dever cotidiano se ilumina com a referência ao momento de graça esperado e preparado, fecundo de energias e de conseqüências; há a espiritualidade da alegria que vem do encontro pessoal com Jesus.

A reencontrada centralidade da Eucaristia em nossos caminhos pedagógicos e pastorais, será de ajuda para adquirir e fazer adquirir a consciência de que o desejo de empenhar-se pelo bem dos outros só pode crescer, ser durável e chegar à autenticidade a partir da experiência feita pessoalmente de ser acolhido por Cristo. É aí que se impõe o amor que salva e que não se mede.

Quero sublinhar, ainda, como terceiro âmbito de atenção, a importância de uma autêntica *educação à celebração eucarística*. Sabemos o quanto a experiência litúrgica, sobretudo em alguns contextos culturais, pode parecer estranha a muitos

jovens com os quais trabalhamos. Estamos conscientes, porém, dos recursos que pode ter a linguagem dos símbolos e ritos, com sua beleza e sobriedade, quando não é execução mecânica e superficial, mas expressão de fé autêntica.

A pedagogia eucarística podia contar, no passado, com muitas premissas favoráveis, dadas pelo ambiente. Hoje, ela exige não raramente, também, uma educação às atitudes e ações mais fundamentais: ao silêncio, à oração, ao canto, aos movimentos corais, aos gestos. Não devemos subestimar a importância deste fator, que sobretudo na idade juvenil adquire um grande valor para o envolvimento emotivo e ativo na celebração.

Ensina-nos a experiência que a participação na Eucaristia é facilitada onde existem grupos juvenis que cuidam com gosto da expressão musical, da linguagem artística robusta e exemplar, porque animados por pessoas competentes; o fato de contentar-se com formas improvisadas, repetitivas ou estranhas ao espírito da liturgia contamina o ambiente e põe um obstáculo ao amadurecimento dos jovens.

Aquilo que vale para a música, vale também para o serviço litúrgico, para a proclamação das leituras, para todas as formas expressivas que fazem parte da Eucaristia e dos vários momentos celebrativos de uma comunidade. Não se deve esquecer que, também na celebração eucarística, existe uma pedagogia do tempo e da prioridade, pelo que tem pouco sentido alongar passagens que são secundárias e contrair aquelas que são emergentes.

A educação da escuta dos textos bíblicos exige uma atenção especial. A Eucaristia é totalmente impregnada da palavra de Deus, não só pelas leituras que são proclamadas, mas também pela incessante referência dos textos do Missal à Escritura. Não se pode pensar que essa riqueza será percebida na celebração eucarística, se não for preparada por uma verdadeira iniciação à Bíblia.

Com freqüência, pedimos muito da Eucaristia, pretendendo que se torne, também, um momento didático e pedagógico. Se essa dimensão está legitimamente presente na Eucaristia, não está, porém, no primeiro lugar e pode levar a desequilíbrios que acabam por tornar o rito pesado e fazer perder de vista a intenção fundamental do sacramento.

Se soubermos cuidar desse itinerário formativo, a Eucaristia poderá ser realmente uma “Celebração” do sacrifício de Cristo, no qual a comunidade se reúne para expor-se gratuitamente ao encontro com o Senhor, num entendimento com Ele, já propiciado pela freqüentação do Evangelho.

### **Conclusão: um ano “eucarístico”**

Ficou-me esculpido na mente um pensamento ouvido num encontro sobre Catequese e Eucaristia.

A catequese era, para os primeiros cristãos, um itinerário progressivo do mistério eucarístico celebrado pela comunidade. Os catecúmenos eram levados como pelas mãos até ao mistério eucarístico, através da explicação ordenada da doutrina e da vida cristã. Os batizados, porém, introduzidos na Eucaristia, meditavam e celebravam novamente, a partir dela, toda a obra de Deus e derivavam as conseqüências da vida, como muitas vezes faz o apóstolo Paulo. Compreendiam novamente, através de um retorno enriquecedor, aquilo de onde tinham partido e através do que tinham caminhado: o desejo de verdade e vida, a existência e o mistério de Jesus, a sua paixão, Ressurreição e dom do Espírito, a história da salvação passada e presente.

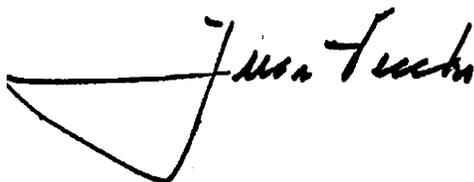
É esse, por sua vez, o percurso que ficou inscrito em nossa atual celebração eucarística.

Por que não tentamos fazer o mesmo, pessoal e comunitariamente? Luz e generosidade serão liberadas para a nossa vida

de consagrados, para a caridade fraterna, a missão, a qualidade da nossa educação!

Maria Santíssima, a “Virgem Mãe de Deus” que recordamos e a quem sentimo-nos unidos na celebração da Eucaristia<sup>60</sup>, seja-nos de guia nas atitudes com que Ela mesma comungou no mistério de seu Filho, oferecido pela vida do mundo: escuta atenta da palavra de Deus, participação ativa no sacrifício de Cristo aos pés da Cruz, amor ao Corpo de Cristo, que é a Igreja.

Cumprimento-vos cordialmente e desejo-vos um caminho jubilar, pessoal e comunitário, sempre mais intenso, à luz do Cristo Ressuscitado, vivo e operante em nossas comunidades e em cada um de nós.

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

*P. Juan Edmundo Vecchi*  
Reitor-Mor

<sup>60</sup> cf. Oração Eucarística

### **A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DA NOSSA COMUNIDADE** — Para uma revisão da qualidade —

**P. Luc VAN LOOY**

*Vigário do Reitor-Mor*

O Reitor-Mor refere-se, na carta sobre a Eucaristia, à maneira com que ela é celebrada em nossas comunidades. Oferece aspectos e sugestões para uma maior qualidade e evidencia alguns riscos. Apareceram já em números anteriores dos Atos do Conselho orientações úteis que servem, ainda hoje, para uma revisão: podem-se ver ACG 321, *As nossas celebrações*; ACG 330, *Introdução à leitura da Carta Apostólica “Vicesimus quintus Annus”*; e a carta circular do P. Egídio Viganò, apresentada em ACG 324, pp. 40-41.

Esta breve contribuição, baseada nas reflexões apresentadas pelo Reitor-Mor, propõe-se estimular a revisão de nosso estilo de oração e, particularmente, da qualidade de nossas celebrações. Pode ser-nos de ajuda referir-nos a alguns princípios fundamentais, a nossa sensibilidade a alguns riscos que corremos e, sobretudo, evidenciar o significado do que fazemos ao celebrar a eucaristia em comunidade.

— Temos nas *Constituições e nos Regulamentos Gerais* indicações claras sobre o espírito a cultivar e com que viver as

diversas expressões do nosso diálogo com o Senhor (C 85-95) e a prática que a Congregação, em sintonia com a Igreja e a tradição salesiana, nos propõe e pede (R 69-77).

As Constituições falam de celebração eucarística cotidiana e comunitária (C 88, R 70), que exprime na concelebração as riquezas do mistério (C 88) e se prolonga na presença da Eucaristia em nossas casas (C 88).

— *Advertem-se alguns riscos na vida dos irmãos e das comunidades em relação à qualidade de nossas celebrações.*

Os muitos empenhos da nossa missão levam-nos, às vezes, a agir de modo rápido e superficial, e custa-nos garantir a calma e a serenidade necessárias para viver os diversos momentos com a devida atenção e profundidade. Os numerosos serviços pastorais, capelanias e outros, que geralmente prestamos, se não forem programados oportunamente, privam os irmãos dos tempos previstos para a oração e multiplicam as ausências, mesmo em momentos significativos da vida comunitária.

O clima social de hoje, por outro lado, coloca muitas coisas em questão, e isso pode causar incertezas e dúvidas, também, em nossas convicções e considerações. O Reitor-Mor acena à confusão, exaltação da espontaneidade, pressa, depreciação do gesto e da linguagem simbólica, “secularização do domingo”.

Às vezes, corre-se o risco, quanto à aplicação fiel das normas, de enganar-se na justa criatividade, inventando gestos e palavras não adequadas ou não suficientemente pensadas, com o desejo de ser atuais e incidir; fazem-se celebrações em lugares não apropriados e sem o necessário clima que permita perceber o mistério. Com a intenção de adaptar-se a costumes e culturas, podem-se assumir com faci-

lidade expressões pouco oportunas, não prestar a devida atenção aos sinais, usar vestes não adequadas. Poder-se-ia chegar ao hábito, que pode se introduzir em alguns lugares, de abandonar as vestes litúrgicas, exigidas também para a concelebração, ou ao fato de alguns sacerdotes, em vez de concelebrarem, preferirem participar da Eucaristia como fiéis leigos.

A respeito do trabalho pastoral, conscientes da preparação frágil que freqüentemente os jovens recebem na família ou alhures, o Reitor-Mor convida à coragem de propor-lhes e prepará-los ao encontro com Cristo, e indica a necessidade de educá-los e levá-los ao mistério eucarístico, como à fonte da vida.

Tendo presentes o esforço da comunidade e os desafios da situação, o Reitor-Mor, após sublinhar a importância da Eucaristia “em nossa espiritualidade, na vida da comunidade e em nossa práxis educativo-pastoral”, estimulamos a aprofundar a sensibilidade e o cuidado em sua celebração.

- Os pontos que seguem querem favorecer *uma revisão comunitária*, apelando para o significado de alguns elementos importantes da celebração eucarística e recordando que o estilo da oração salesiana quer ser sempre alegre, criativo, simples, profundo, participado, aderente à vida e nela prolongado (cf. C 86).

As indicações desta contribuição devem ser consideradas com o fundo teológico da carta do Reitor-Mor, colocando-as no contexto do mistério da salvação, das orientações que nos são oferecidas pela Igreja e em sintonia com a história e a pedagogia da salvação.

## 1. A comunidade que celebra

Toda comunidade salesiana celebra cotidianamente a Eucaristia “para construir-se (em Cristo) como comunhão fraterna e renovar seu compromisso apostólico” (C 88). Sua expressão mais comum é a concelebração que, como indicam as Constituições, evidencia melhor o seu caráter comunitário. Os irmãos — sacerdotes, coadjutores, clérigos — vivem nesse momento a intensidade da vocação comum e, por isso, participam ativamente da celebração, cada qual conforme a própria vocação específica e o ministério recebido. O sacerdote, mesmo não exercendo a função de presidente, exprime e testemunha na comunidade a sua particular relação com Cristo sacerdote.

Como recorda-nos o Reitor-Mor, a Eucaristia é sinal de profunda comunhão fraterna. É o momento em que se solidificam a fraternidade e a paz, se superam tensões e se toma consciência da vocação comum dos irmãos. É um momento forte da nossa formação permanente. O fato de celebrá-la cotidianamente dá credibilidade ao fato de sermos enviados por Deus aos jovens.

É importante que seja uma celebração bem preparada, aberta a todos. É necessário programar os horários para favorecer a participação de todos os irmãos.

A abertura aos jovens e ao povo é exemplo de testemunho eficaz. Deve, então, ser considerada com seriedade, a possibilidade da participação em nossas celebrações comunitárias dos jovens, colaboradores leigos, pessoas próximas. É útil, sem mais, em algumas ocasiões, convidar colaboradores e destinatários à celebração da comunidade.

O CG23 instituiu o “dia da comunidade” (cf. CG23, 222). Nele a concelebração eucarística, que solidifica as relações entre Deus e a comunidade e entre os irmãos na única vocação e

missão recebidas, encontra um contexto privilegiado. A comunidade celebra unida, realizando aquilo que, devido às capelarias e aos vários empenhos confiados aos irmãos, nem sempre é possível fazer em outro dia.

Um dos aspectos da revisão refere-se, também, à celebração do domingo em nossas comunidades. As ocupações pastorais, às vezes, tornam difícil programar encontros comunitários. O Reitor-Mor acena a comunidades que encontraram o modo de estabelecer um momento de oração, um tempo de adoração ou de partilha da Palavra. É, sem mais, importante, buscar o melhor modo possível de sublinhar o significado do domingo, dia da comunidade cristã convocada ao redor da comunidade.

## **2. A capela da comunidade**

A assembléia eucarística precisa de um lugar digno. Nossas capelas, em geral, são bem cuidadas, mas nem sempre podem acolher pessoas externas, pela sua colocação na casa e pelo espaço disponível.

Devem ser cuidadas, na capela, a disposição dos móveis, o espaço, a acústica, as luzes, as cadeiras, a concentração ao redor do altar, dispondo as coisas harmoniosamente. A presença continuada da Eucaristia na capela convida, também, os irmãos e jovens a visitá-la durante o dia. É preciso fazer com que a capela seja de tal forma acolhedora, que irmãos, colaboradores e jovens cheguem-se a ela com prazer.

## **3. O presidente e o animador**

A tonalidade da celebração e a integração da comunidade dependem muito do celebrante e do animador. Eles devem criar um clima que faça viver o mistério.

Deve ser empenho do presidente encontrar tempo e calma para preparar-se, criar o ambiente adequado, predispor as coisas de modo digno e vestir os paramentos prescritos. Ele celebra “*in persona Christi*” e como representante da Igreja; não pode, por isso, decidir arbitrariamente sobre o rito, os textos e as expressões. Sua função exige disciplina interior, relação sentida com a assembléia, testemunho de fé.

A animação litúrgica deve ser preparada à distância, através do estudo e, imediatamente, dispondo o necessário. O animador guia com gestos e palavras adaptadas. O envolvimento dos presentes deve ser bem preparado através de vários papéis, orações comuns, cantos e respostas corais. A qualidade e renovação do canto comunitário, o cuidado pelos movimentos, gestos e palavras contribuem para a dignidade da celebração. Cada salesiano deveria desenvolver a capacidade de ser um animador litúrgico.

#### **4. A celebração da Palavra**

A liturgia da Palavra não é um prelúdio à celebração, faz parte integral dela e, por isso, deve ser considerada com a máxima atenção. Referindo-se a Cristo, o Concílio diz que é “Ele quem fala quando a Igreja lê a sagrada Escritura” (SC 7,23). A Palavra seja escutada na obediência da fé (cf. Rm 1,5), como alimento espiritual cotidiano. Trata-se da Palavra de Deus, colhida nos textos bíblicos. A acolhida e contemplação da Palavra sejam feitas pela comunidade com o silêncio, o canto e a oração. O comentário homilético é relacionado às leituras para dar vida à Palavra no próprio contexto, como testemunho pessoal que germina nova vida. É sempre um anúncio da iniciativa de Deus, que convida a caminhar com Cristo para a construção do Reino.

A Palavra é meditada, e para isso é preciso o silêncio, para deter-se sobre as leituras e fazer ressoar em si a Palavra

“revelada”. Enfim, ela é rezada pela comunidade nas orações dos fiéis, que são universais, atuais, juvenis, com propostas de opção pelo Reino.

A Palavra seja compartilhada pelos membros da comunidade em momentos oportunos. Será útil prever para o dia da comunidade ou em outras ocasiões, momentos bem preparados para compartilhar a Escritura seguindo e adaptando o método da “lectio divina”. A Palavra torna-se, então, a base na qual o irmão e a comunidade constroem a missão que lhes é confiada.

## 5. Gestos e ritos

A celebração quer levar ao mistério. Onde a palavra é impotente entra o gesto, que pertence à esfera do silêncio. Os sinais introduzem no sacro, como pedagogia e iniciação. O gesto torna o símbolo eloqüente, como o gesto de lavar os pés evidencia a virtude purificadora da água. É evidente que a sensibilidade das diversas culturas pode se exprimir através de gestos, atitudes e linguagens diversas. Não se deve, porém, subestimar a importância dos gestos que a liturgia propõe como expressão totalizadora do mistério.

O rito faz parte da vida de cada um, transcende a si mesmo e conserva o equilíbrio diante da fragilidade da sucessão dos acontecimentos. Cria ligações com o passado e abre a novas interpretações. Embora evitando cair no ritualismo, não se deve descuidar o rito amadurecido ao longo da história na experiência eclesial, segundo a medida humana.

Os gestos criam atmosfera, clima, e despertam os cinco sentidos do ser humano, como participação totalizadora na celebração. A expressão do corpo, a compostura física da pessoa, a atitude e os movimentos condicionam a capacidade de sintonizar-se com o mistério eucarístico que se está celebrando.

## 6. Relação celebração e pastoral

A Eucaristia é a primeira expressão do “*da mihi animas*”, porque se sintoniza com o plano salvífico de Cristo. A Eucaristia da comunidade salesiana não pode ser concebida fora do sentido pastoral e missionário da vocação. Ela é a comunhão da comunidade religiosa e da comunidade educativo-pastoral no mistério de Cristo.

A Eucaristia, no interior do projeto educativo, é a proposta de santidade, direito de todo jovem. É imagem da Igreja, e realça de forma particular a paternidade espiritual do salesiano. É um momento de comunhão da CEP em festa!

A pedagogia exige que seja uma celebração rica de autenticidade religiosa, através do canto, da oração, do silêncio, da participação de todos, da qualidade da proclamação da Palavra, dos gestos. O fato mesmo de celebrar com regularidade sistemática cria na vida dos colaboradores e jovens a aproximação do sacramento e da vida de fé.

A celebração encontrará a sua ligação com a experiência da comunidade educativa e alargar-se-á na atenção generosa a situações do território, do mundo juvenil, dos pobres do mundo. Isso garante o sentido de Igreja como universalidade e caridade por todos.

As indicações apresentadas — como dizia no início — colocam-se no contexto da carta do Reitor-Mor. Depois de tê-la meditado com atenção, é oportuno que as comunidades, iniciando dos pontos aqui acenados, verifiquem o próprio modo de celebrar a Eucaristia: rito, clima, disciplina, dignidade, incidência na vida comunitária e ligação com a realidade. A revisão fará certamente emergir muitos elementos positivos, evidenciará algum aspecto que exige ser retificado e renovará o nosso empenho para uma vivência eucarística que exprima e renove cotidianamente a nossa vida de religiosos apóstolos.

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

---

### 4.1 Crônica do Reitor-Mor

Em janeiro de 2000 o Reitor-Mor esteve empenhado, sobretudo, nos trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral, juntamente com o trabalho ordinário de animação da Congregação. Não faltaram momentos particulares, evidenciados aqui.

Sábado, 1º de janeiro, celebra a Eucaristia na Casa Geral das FMA, com a presença também das irmãs das demais casas de Roma. É a ocasião de apresentar-lhes os votos de um alegre e fecundo Ano Santo 2000.

De 2 a 6 de janeiro, estão presentes na Casa Geral Salesiana, representantes dos Conselhos dos Grupos da Família Salesiana, com os quais o P. Vecchi tem um encontro.

Dia 22 de janeiro, ainda na Casa Geral da Pisana, o Reitor-Mor encontra os diretores da Eslováquia e da República Checa, fazendo-lhes uma conferência e presidindo a Concelebração eucarística.

À tarde do mesmo dia, vai a Brindisi para participar da apresentação do livro-entrevista: *Os guardiões dos sonhos com o dedo no mouse*.

Segunda-feira, 24 de janeiro, está em Turim-Valdocco pelo mesmo motivo.

Quinta-feira 27 de janeiro, P. Vecchi vai a Madri para participar das celebrações centenárias da Inspetoria “São João Bosco”.

Chegando a Madri, depois de uma reunião com o Conselho Inspetorial, o Reitor-Mor encontra um grupo de professores militares do IPE (*Instituto Politécnico do Exército*). O encontro foi motivado pela recente declaração do Papa, fazendo de Dom Bosco “Patrono dos técnicos especialistas do exército de terra” da Espanha.

À tardinha vai a Alcalá de Henares, onde trabalham duas comunidades salesianas. O Reitor-Mor visita o centro juvenil “Cardeal Cisneros”, a paróquia e o centro profissional Dom Bosco “Las Naves”. As Vésperas são celebradas na capela e o P. Vecchi dá a boa-noite. Estão presentes os irmãos das duas comunidades.

28 de janeiro, sexta-feira, o Reitor-Mor visita o Centro de Estudos Superiores (CES) “Dom Bosco”, que celebra seus 25 anos de atividades. Depois de receber a saudação do diretor e outras autoridades e visitar os ambientes, preside a Concelebração eucarística. Ao final da liturgia, acontece o solene Ato pelos

25 anos de atividades da Escola. Durante a cerimônia, o P. Vecchi recebe o título de professor honorário. O Reitor-Mor entrega a medalha da Congregação ao diretor da Escola, Dr. Sergio Rábade Romeo.

Retornando à sede inspetorial, P. Vecchi concede uma entrevista a uns quinze jornalistas de vários periódicos espanhóis, indo em seguida ao teologado para o almoço e para encontrar os irmãos: os formadores e, depois, os teólogos, tirocinantes, pós-noviços e noviços. A estes apresenta uns "eslaides" sobre a Congregação, ilustrando a direção para onde vai-se encaminhando a Congregação, os grandes projetos da Pastoral entre os jovens, as novas fronteiras e a próxima expedição missionária que quer ser extraordinária.

À noite, retornando à sede inspetorial, o Reitor-Mor encontra o grupo de aspirantes e pré-noviços do COV de Guadalajara e vai ao teatro do Instituto Salesiano de Atocha onde é esperado por 150 animadores e animadoras, que o P. Vecchi escuta, respondendo às suas perguntas.

Terminado o encontro com os jovens, o Reitor-Mor vai à sede inspetorial onde estão reunidos os irmãos das três comunidades de Atocha para a ceia, que se conclui com a apresentação, de forma alegre e brilhante, variamente comentada pelos presentes, da atividade das três comunidades e com a boa-noite do Reitor-Mor.

Sábado 29 de janeiro, o P. Vecchi visita a obra de Atocha como primeira casa de Madri: Colégio, Paróquia e Centro Juvenil. Depois da visita aos vários ambientes e laboratórios, encontra no salão do colégio a Família Salesiana a quem dirige uma palavra. Ao final da sua intervenção, deixa como mensagem o empenho de *crecer*, saber *comunicar* sempre melhor entre os diversos ramos a espiritualidade salesiana, em união de objetivos, metas e mentalidade, *colocar-se unidos* no vasto campo juvenil atuando o Sistema Preventivo e *aprofundar sempre mais e viver a espiritualidade salesiana*. Segue a Concelebração eucarística no santuário de Maria Auxiliadora.

Em seguida, o Reitor-Mor, ainda no salão-teatro de Atocha, encontra os irmãos, aos quais apresenta as estatísticas da Congregação e o panorama das várias Visitas de Conjunto, comentando os temas específicos de cada uma delas.

À tarde, o Reitor-Mor vai em visita a algumas presenças nos arredores de Madri: Parla, onde trabalha uma comunidade numa paróquia e onde estão sendo preparadas as coisas para construir um centro juvenil e um centro de formação profissional; Fuenlabrada, onde os salesianos administram uma paróquia, um centro juvenil e um centro profissional, "Talleres Prelaborales", para jovens que abandonaram a escola; enfim, o

colégio salesiano São Miguel Arcanjo de Extremadura.

Nesta última presença, P. Vecchi é acolhido no novo templo-paróquia. Escuta a saudação do pároco e assiste à execução de uma interessante interpretação musical, com cantos e danças executados pelos jovens e crianças, sobre alguns episódios da vida de Dom Bosco: o sonho, Bartolomeu Garelli. Um espetáculo muito aplaudido. A noite conclui-se com a boa-noite para os presentes e a ceia com a comunidade salesiana.

O Reitor-Mor retorna à sede inspetorial para o repouso, e, no dia seguinte, domingo, parte de Madri para o Colle Don Bosco, onde é esperado pelos Conselheiros Gerais, com numerosos irmãos e membros da Família Salesiana, para a inauguração das estruturas renovadas do Templo de Dom Bosco, que coincide também com o início das celebrações salesianas do Jubileu.

Depois do almoço, o P. Vecchi visita o Templo renovado — uma obra de sucesso e acusticamente perfeita. Acontece, depois, a Concelebração eucarística, presidida pelo Reitor-Mor com os membros do Conselho Geral e muitos irmãos. O templo está cheio de pessoas, um terço de jovens.

Assiste ao início da celebração o Arcebispo de Turim, Dom Severino Poletto, que apresenta a saudação e os cumprimentos de boa festa ao Reitor-Mor, aos salesianos e a

todos os presentes, recordando as relações que teve anteriormente com os salesianos em seu ministério de bispo, em Fossano e em Asti.

Durante a homilia, o Reitor-Mor envia uma mensagem a todo o Movimento Juvenil Salesiano. A mensagem, como também a que enviará no dia seguinte da Basílica de Maria Auxiliadora à Família Salesiana, é transmitida via Internet a todas as inspetorias e a todos os responsáveis dos vários ramos da Família Salesiana.

À noite, o Reitor-Mor e os membros do Conselho Geral são acompanhados a Valdocco.

Segunda-feira, 31 de janeiro, pela manhã, o Reitor-Mor, com o P. Pietro Ponzio, vai à Casa “P. André Beltrami” para visitar os irmãos docentes. Depois, retornando a Valdocco, tem um encontro com o Arcebispo de Turim; em seguida, visita a exposição de presépios e, às 12:45h, com outros irmãos, vai ao novo refeitório — restaurante — da estrutura de acolhida de Valdocco, que é oficialmente inaugurado. O Arcebispo abençoa os locais e o Reitor-Mor corta a fita inaugural.

À tarde, o Reitor-Mor preside a solene Concelebração na qual é entregue uma cópia da Estréia 2000 a representantes dos vários grupos da Família Salesiana. Como acenado, durante a homilia, o Reitor-Mor envia uma mensagem à Família Salesiana do mundo inteiro.

Terça-feira, 1º de fevereiro, P. Vecchi retorna a Roma. Participa, no dia seguinte, da festa da Apresentação de Jesus ao Templo, da Celebração presidida pelo Santo Padre na Praça de São Pedro por ocasião do Jubileu da vida consagrada.

Da tarde do dia 2 até o dia 5 de fevereiro, o Reitor-Mor participa da Visita de Conjunto às Inspetorias da Itália que se realiza na Casa Geral.

À tarde de 5 de fevereiro, P. Vecchi vai a Castelgandolfo, na casa de retiros das FMA, onde estão reunidas as irmãs do Conselho Geral para os Exercícios Espirituais. O Reitor-Mor mantém uma conversação com elas e retorna a Roma depois do jantar.

Em 7 de fevereiro, P. Vecchi vai a Abidjan, Costa do Marfim, para a Visita de Conjunto às Inspetorias das áreas de línguas portuguesa e francesa da África. Acompanham-no os Conselheiros P. Giuseppe Nicolussi, da Formação, e P. Gianni Mazzali, Ecônomo Geral. Aguardamos em Abidjan o P. Luciano Odorico, Conselheiro para as Missões, e o Conselheiro Regional P. Antonio Rodríguez Tallón.

Acolhido no aeroporto pelos Superiores das Visitadorias AFO e ATE, P. Lluís Maria Oliveras e P. Miguel Angel Olaverri, com alguns irmãos, e as noviças FMA, acompanhadas de suas for-

madoras, em clima festivo e familiar, é acompanhado a Yopougon, casa Dom Chappoulie, sede da Visita de Conjunto.

Os trabalhos da Visita têm início no dia 8 de fevereiro com a introdução do Reitor-Mor, após a celebração da santa Missa, e realizam-se segundo o horário usual dessas Visitas. As jornadas são encerradas com a oração da noite, a boa-noite do Reitor-Mor e o jantar.

Merece ser assinalada a tarde do dia 10 de fevereiro. Depois de ter-se encontrado com os Inspetores e tirado a fotografia de grupo e de cada inspetoria, o Reitor-Mor vai visitar, com todos, alguns monumentos e presenças salesianas. O primeiro encontro é no santuário mariano de "Notre Dame de Toute Graces", situado no cume de uma pequena colina que domina a cidade. Foi projetado pelo arquiteto italiano Aldo Spirito, já falecido, em forma de tromba d'água. Em seguida, visitam a Catedral, localizada no centro de Abidjan, ao lado das quatro grandes torres dos ministérios da nação e diante do palácio de justiça, dos tempos coloniais. É um esplêndido templo, também ele obra do arquiteto Aldo Spirito.

O terceiro encontro é no "Village Don Bosco" de Koumassi, onde os salesianos têm a sede inspetorial e uma comunidade que cuida da Paróquia, Centro juvenil e Foyer para um pequeno grupo de meninos de rua.

P. Vecchi e os demais salesianos visitam também o "Village Maria Mazzarello" de Koumassi, onde as FMA têm a sede inspetorial, um Foyer para meninas de rua e um Centro profissional.

A última etapa da jornada é na Paróquia São Francisco de Assis. Uma bela construção. A igreja é aberta, sem as paredes laterais, ampla e espaçosa. O diretor e pároco P. Franco Enrique acompanha o Reitor-Mor na visita aos ambientes. Ao final da visita, é servida a ceia aos salesianos e FMA. Terminada a ceia, dirigem-se todos à igreja onde são executados alguns trechos musicais por dois corais. São cantos da cultura local, muito aplaudidos. O Reitor-Mor oferece a todos uma medalha de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco e, entrega, solenemente, com a devida explicação, a medalha da Congregação a dois catequistas beneméritos. Dá, enfim, a boa-noite e retorna à sede da Visita de Conjunto.

Sexta-feira, 11 de fevereiro, depois da ceia, acontece uma esplêndida e participada noite de cantos e pequenas apresentações, em cuja realização tomam parte todas as inspetorias presentes. A noite termina com a entrega de presentes.

Sábado, 12 de fevereiro, após a Concelebração eucarística, presidida pelo Reitor-Mor, os participantes da Visita de Conjunto reuniram-se na sala das reuniões para escutar a leitura das conclusões e a intervenção do Reitor-Mor.

Concluída a reunião, houve a preparação para a partida. A maior parte dos irmãos vai em visita à basílica de Uamoussoukro. P. Vecchi, o Superior P. Lluis Oliveras, P. Giuseppe Nicolussi e P. Luciano Odorico, têm outra meta. Vão visitar duas localidades interessantes: a primeira, turística, localiza-se na laguna numa posição amena, onde crocodilos são criados e expostos ao público: *Crocodiles DIPI*; a outra, é a catedral de *grand-Bassan*, sede da diocese à qual pertence a paróquia salesiana de São Francisco de Assis. O lugar é famoso porque aqui desembarcaram e viveram por pouco tempo os primeiros missionários vindos das Missões Exteriores Francesas, antes de morrerem de febre amarela. O túmulo acolhe os restos dos oito primeiros. Sua chegada foi em 25 de outubro de 1895. Os oito morreram entre 13 de maio de 1899 e 24 de março de 1903. O mais jovem tinha 29 anos.

Depois da visita à igreja, o Reitor-Mor e demais salesianos retornam à Aldeia Dom Bosco. À noite, é acompanhado ao aeroporto e retorna a Roma.

Após uma semana, o Reitor-Mor está novamente em viagem. Ele vai a Hong Kong, no dia 20 de fevereiro, para a Visita de Conjunto às Inspeções da área da Ásia Leste e Austrália. Acompanham-no o P. Giuseppe Nicolussi, Conselheiro

Geral para a Formação, P. Antonio Domenec, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil, P. Antonio Martinelli, Conselheiro Geral para a Família Salesiana e a Comunicação Social, e P. Luciano Odorico, Conselheiro Geral para as Missões.

Acolhido no aeroporto pelo Ecônomo da Inspetoria da China, P. Carlo Socol, o Reitor-Mor e demais membros do Conselho Geral vão à sede inspetorial e, à tarde, à casa de retiro da Inspetoria, localizada na ilha de Cheung Chau, onde realiza-se a Visita de Conjunto.

Releve-se a visita que o Reitor-Mor e demais participantes fazem às casas salesianas de Macau no dia 24 de fevereiro.

P. Vecchi inaugura uma nova ala escolar do Instituto Salesiano, na presença do bispo de Macau Dom Domingos Lam, de Dom José Zen, salesiano, Bispo Coadjutor de Hong Kong, do Sr. Fernando Chui Sai On, Secretário dos negócios sociais e da cultura, e outros.

Em seguida, o Reitor-Mor visita o Colégio Dom Bosco e é levado para visitar a Aldeia Dom Bosco em Coloane, onde, junto com a escola primária, secundária e centro profissional, foram construídos um moderno centro juvenil e uma casa de acolhida para jovens em dificuldade. Três anos atrás, o P. Vecchi havia abençoado a primeira pedra dessa construção, que agora surge em toda a sua grandiosidade.

O Reitor-Mor dá a boa-noite aos irmãos e todos participam do jantar, retornando depois a Cheung Chau.

Sábado 26 de fevereiro, último dia da Visita de Conjunto, realiza-se a reunião final com a leitura das relações e a intervenção conclusiva do Reitor-Mor. Segue a Concelebração eucarística. Depois, o Reitor-Mor, acompanhado pelo Inspetor P. Peter Ho e pelo P. Savio Hon, vai à casa salesiana Tang King Po School de Hong Kong para encontrar os irmãos. Expõe-lhes as etapas do Jubileu salesiano e responde a várias perguntas. À tarde, P. Vecchi parte para Bombaim, na Índia.

Domingo, 27 de fevereiro, o Reitor-Mor chega em Bombaim para a Visita de Conjunto às Inspetorias da Índia, à qual se une a visita a algumas presenças salesianas da Inspetoria de Bombaim.

No mesmo domingo, às 11 horas, preside a Celebração eucarística. Estão presentes os vários grupos da Família Salesiana. Após a Missa encontra os alunos e vai para o almoço com os representantes dos vários grupos da Família Salesiana. À tarde, assiste a uma solene sessão musical em sua honra: *The Witness*.

Segunda feira, o Reitor-Mor, acompanhado pelo inspetor P. Tony D'Souza, vai a Baroda e a Chhotaudepur, em visita a algumas comunidades que aí trabalham. Encontra

a população, preside a Concelebração eucarística, assiste a danças e cantos em sua homenagem, visita uma exposição missionária, fala com os irmãos: uma jornada plena de compromissos.

Retornando a Baroda, vai cumprimentar as FMA em sua casa "Auxilium Convent" e os salesianos do Colégio Dom Bosco, onde encontra um grupo de colaboradores paroquiais.

Em Bombaim desenvolvem-se, de 29 de fevereiro a 4 de março, os trabalhos da Visita de Conjunto, interrompidos na tarde do dia 2 para um simpático e familiar passeio de barco na baía de Bombaim.

Sábado, 4 de março, concluída a Visita de Conjunto, P. Vecchi vai à tarde à casa salesiana de Matunga, em Bombaim, onde encontra-se com os irmãos, dá a boa-noite e ceia com eles.

Domingo, dia 5, acompanhado pelo Inspetor, o Reitor-Mor vai a Goa para visitar os irmãos da delegação Konkan. É acolhido com muito afeto pelos irmãos e membros da Família Salesiana, particularmente pelos ex-alunos que o acompanham o tempo todo.

Preside em Panjim de Goa uma solene Eucaristia, assistida também pelo Arcebispo Patriarca Dom Raul Gonçalves. Participa, depois, de uma sessão cultural em sua homenagem e ceia com os representantes da Família Salesiana e autoridades civis da região.

Na segunda-feira, 6 de março, preside a Celebração eucarística com os irmãos e pré-noviços, faz-lhes uma conferência e retorna à tarde para Bombaim. À noite volta para Roma.

Sexta-feira, 10 de março, vai ao *Auxilium* onde faz uma conferência sobre *Carisma salesiano e empenho cultural no alvorecer de 2000*.

Domingo, 12 de março, parte novamente de Roma com destino a Caracas, Venezuela, para pregar os Exercícios Espirituais aos diretores daquela Inspetoria.

Concluídos os Exercícios, inaugura no dia 19 de março o Centro Salesiano de orientação vocacional em Duaca, encontra os formadores e ceia com as FMA.

Após um encontro com o Conselho Inspetorial, no dia 20, e ter almoçado com os Bispos salesianos e com o Núncio Apostólico, retorna a Roma.

## 4.2 Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária do Conselho Geral — oitava desde o início do sexênio — teve início no dia 7 de dezembro de 1999 e concluiu-se em 27 de janeiro de 2000, com o total de 31 reuniões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

Como sempre, o Conselho esteve empenhado — numa parte do tempo das reuniões — no exame de numerosas práticas vindas das Inspetorias: nomeações de membros dos Conselhos Inspetoriais e aprovações de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período 10 aberturas de novas presenças, 11 ereções canônicas de casas e 4 encerramentos canônicos), práticas sobre irmãos e práticas econômico-administrativas.

O maior tempo foi dedicado ao governo e animação das inspetorias e ao estudo de temas ou problemas de caráter mais geral relativos à vida e à missão da Congregação em seu conjunto, sobretudo em relação à programação do sexênio. Apresenta-se em seguida um elenco dos principais assuntos.

### *1. Nomeação de Inspetores*

A nomeação de Inspetores ou Superiores de Visitadoria, também nesta sessão, foi um compromisso importante do Conselho, que lhe dedicou o procedimento usual, compreendendo análise da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho, primeira votação sondagem sobre os principais candidatos, votação definitiva com o consenso sobre o candidato designado. Este é o elenco (em ordem alfabética) dos Inspetores nomeados: Dobravec Aloizij,

Inspetor da Eslovênia; Fernández Artime Angel, Inspetor de León, Espanha; Lantagne Luc, Superior da Visitadoria do Canadá; Matusic Ambrozije, Inspetor da Croácia; Pérez Godoy Juan Carlos, Inspetor de Sevilha, Espanha; Pessinatti Nivaldo Luiz, Inspetor de São Paulo, Brasil. Foi também nomeado o primeiro Superior da nova Visitadoria de Angola, P. Luiz Gonzaga Piccoli (os dados pessoais dos Inspetores nomeados podem ser vistos no n. 5.6).

### *2. Relatórios das visitas extraordinárias*

Outro trabalho importante do Conselho foi, como sempre, o exame dos relatórios das Visitas Extraordinárias, feitas pelos Conselheiros em nome do Reitor-Mor, no período agosto a novembro de 1999. O relatório da Visita, apresentado pelos respectivos Visitadores, representa para o Conselho um momento privilegiado de conhecimento e reflexão sobre a realidade salesiana da Inspetoria, a vida e a missão das comunidades, a significatividade do projeto inspetorial e as perspectivas de futuro. Derivam dele não só as orientações que o Reitor-Mor torna suas na carta conclusiva, mas também iniciativas de acompanhamento por parte dos Conselheiros.

São estas as Inspetorias ou Circunscrições (em ordem alfabética) cujos relatórios foram examina-

dos: África Meridional, Antilhas, Brasil - São Paulo, Índia - Calcutá, Espanha - Sevilha, Índia - Nova Délhi, Indonésia e Timor, Polônia - Cracóvia.

### 3. *Relatórios informativos de cada Conselheiro*

Como nas outras sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e seu Vigário, fizeram uma breve apresentação de suas principais atividades — pessoalmente ou em nível de Dicastério — a serviço da animação das Inspetorias e da Congregação em nível mundial.

Os “relatórios informativos”, enquanto oferecem aos Conselheiros uma visão atualizada da caminhada feita em cada setor, têm também a finalidade de ajudar a coordenação da ação de animação e, eventualmente, de exame, ou fazer surgir — no diálogo que se segue à apresentação dos mesmos relatórios — pontos particulares que exigem um exame mais profundo por parte de todo o Conselho.

### 4. *Temas de estudo e decisões operativas*

Durante esta sessão, junto aos demais assuntos que se referiam às Inspetorias e Regiões, o Conselho

enfrentou alguns mais gerais, relativos ao governo e animação da Congregação, com atenção particular à programação do sexênio e à mesma vida e ação do Conselho. Não faltaram algumas decisões operativas, relacionadas com algum dos pontos examinados. Apresentam-se os principais assuntos de reflexão:

#### 4.1. *Cartas do Reitor-Mor sobre a Comunicação e a Eucaristia*

Continuando a praxe já iniciada para outras Cartas, o Reitor-Mor envolveu o seu Conselho na preparação de duas Cartas circulares: uma sobre a *Comunicação Social* (publicada nos ACG 370) e outra sobre a *Eucaristia*, publicada neste número dos ACG. Para fazer um primeiro esboço temático, o Reitor-Mor pediu a contribuição dos Conselheiros, sobretudo pela experiência e conhecimento deles de situações e urgências das várias regiões da Congregação.

#### 4.2 *Revisão da “Ratio Formationis”*

O Reitor-Mor e o Conselho levaram a termo nesta sessão, a tarefa de revisão da “*Ratio Formationis*”, confiada pelo CG24 ao Conselheiro para a Formação (cf. CG24, 147), e que o próprio Conselho tinha explicitado na programação do início do sexênio. O Conselho examinou o último texto preparado pelo

Dicastério para a Formação, tendo por base as observações feitas nas sessões anteriores, e deu o próprio parecer tanto sobre a parte que contém as motivações como particularmente a parte normativa. Cabe agora ao Reitor-Mor, ouvido o parecer do seu Conselho, promulgar o texto renovado.

#### *4.3 Estudo dos setores de animação da Congregação*

Após a reflexão, de revisão e de perspectiva, feita sobre cada “Região” da Congregação, o Reitor-Mor submeteu ao estudo os “Setores” nos quais — segundo as Constituições — está articulada a nossa missão, tendo como referência um Conselheiro Geral, e que representam as grandes áreas da Congregação. As finalidades e modalidades do estudo foram indicadas pelo próprio Reitor-Mor: uma revisão cuidadosa e completa do estado e das funções do Setor na Congregação, com os problemas que surgem em nível geral e nas diversas Regiões, e, ao mesmo tempo, uma visão de futuro, individualizando os pontos nos quais voltar preferivelmente as energias nos próximos anos. Segundo essa perspectiva, foram estudados nesta sessão, os seguintes “Setores:

- Pastoral Juvenil,
- Comunicação Social,
- Economia.

#### *4.4 As estruturas de Governo*

Continuou-se o estudo, iniciado nas sessões anteriores, sobre as “estruturas de governo”. Chegou-se à determinação de convocar um grupo, formado de salesianos com experiência de animação e governo, vindos de diversos contextos, aos quais serão comunicadas as atuais conclusões do estudo feito até o momento e a colocação de questões, com a finalidade de elaborar um plano de trabalho a ser submetido depois aos Capítulos inspetoriais em vista do CG25.

#### *4.5 Ereção canônica da Visitadoria de Angola*

De acordo com o parecer já expresso na sessão plenária anterior (cf. crônica do Conselho Geral nos ACG 369), o Reitor-Mor com o seu Conselho, em 24 de dezembro de 1999, procedeu à ereção canônica da nova *Visitadoria Salesiana de Angola*, intitulada a “*Mamá Muxima*” (“Mãe do Coração”), nomeando também o seu primeiro Superior.

#### *4.6 Novas presenças missionárias*

O Conselho Geral, com a apresentação do Conselheiro Geral para as Missões, que ilustrou os pedidos de presenças missionárias em novos países e os passos dados para o conhecimento das situações e pro-

postas concretas que surgiram, deu o parecer favorável para o início, em 2000 ou 2001, da presença salesiana nos seguintes países: KUWEIT, AZERBAIJÃO, IRAQUE, ILHAS MAURÍCIO e MONGÓLIA.

Cada presença estará ligada, ao menos inicialmente, a uma Inspeção que será responsável. Os projetos estão relacionados, também, com a expedição missionária extraordinária deste ano de 2000.

Foi aceito, ainda, o pedido da Congregação para a Evangelização dos Povos de confiar aos salesianos um território missionário “*sui iuris*”, que resultará da subdivisão da Prefeitura Apostólica de Jimmi-Bonga, na região sudoeste da Etiópia. Os irmãos da Visitadoria da Etiópia e Eritreia empenhar-se-ão na animação desse território.

#### 4.7 Realizações no âmbito da Família Salesiana

O Conselho também deu atenção a alguns temas no âmbito da Família Salesiana. Particularmente estes:

1. Visão geral da preparação do próximo “Encontro 2000” dos Conselhos Gerais dos Grupos da Família Salesiana, reconhecidos oficialmente, programado para os dias 1-5 de junho de 2000.
2. Reflexão sobre o esbo-

ço da “Carta da Missão da Família Salesiana”, que será examinada no “Encontro 2000” indicado antes.

3. Parecer positivo para o reconhecimento de pertença da “Congregação de São Miguel Arcaño” à Família Salesiana (cf. Carta do Reitor-Mor no n. 5.2 destes ACG).

#### 4.8 Primeiros passos para o Capítulo Geral 25º

Considerando os tempos estabelecidos pelas Constituições para a preparação do capítulo geral, que pede o envolvimento ativo das comunidades e dos irmãos, o Reitor-Mor convidou o Conselho para uma primeira reflexão, a fim de individualizar algumas “áreas temáticas” que — segundo uma percepção inicial, provinda sobretudo das visitas às Inspeções — poderiam ser objeto de reflexão do próximo CG25. O Reitor-Mor pediu um parecer sobre essas grandes áreas aos Inspectores e Conselhos Inspeccionais, dando-lhes a possibilidade de estender a consulta a outros. São estas as áreas temáticas indicadas em sede de Conselho:

1. A Comunidade Salesiana no novo modelo pastoral;
2. A nossa capacidade de propor a vocação hoje: “Vinde e vede”;

3. Para uma presença significativa entre os jovens: “Convosco eu me encontro bem”;
4. A unidade vocacional hoje: “A graça da unidade”.

Recorde-se, entre os momentos significativos da sessão plenária, a *reunião conjunta dos dois Conselhos Gerais — SDB e FMA* — feita na tarde do dia 4 de janeiro de 2000 na Casa Geral dos SDB. O encontro tinha como tema: *O acompanhamento das FMA e dos SDB*. Um tema, — foi sublinhado —, que se insere no caminho de renovação em ato nas nossas Congregações, e quer evidenciar, particularmente, o empenho que nos anima para sermos sempre mais hábeis e disponíveis no acompanhamento das pessoas e comunidades, em consideração também a alguns fenômenos atuais que podem ser motivo de desorientação e confusão. Um bom acompanhamento, falou-se também, garante o desenvolvimento do espírito de família, a criação de relações recíprocas válidas, a animação propositiva e co-responsável, a mesma vitalidade apostólica. Foi feita, nos trabalhos de grupo e na assembléia, uma revisão da capacidade de

acompanhamento em nossas comunidades, refletindo sobre os meios mais eficazes e as estratégias capazes de torná-lo mais vital.

A sessão plenária foi concluída com a peregrinação do Conselho Geral ao Colle Don Bosco e a Turim, onde — por ocasião da festa de São João Bosco — o Reitor-Mor deu início à celebração dos momentos salesianos do Jubileu 2000.

Os trabalhos de reestruturação e embelezamento artístico do Templo de Dom Bosco foram inaugurados numa solene Concelebração no Colle Don Bosco, na tarde de 30 de janeiro. O Reitor-Mor transmitiu do Colle, uma *Mensagem aos jovens* de todo o mundo salesiano.

Dia 31 de janeiro, solenidade de São João Bosco, na Basílica de Maria Auxiliadora, todo o Conselho uniu-se ao Reitor-Mor numa Concelebração, para a qual foram convidados particularmente os grupos da Família Salesiana. O Reitor-Mor dirigiu a sua *Mensagem* aos presentes e a *toda a Família Salesiana*, espalhada pelo mundo.

De Turim, alguns Conselheiros partiram para suas viagens de animação nas várias Regiões.

### 5.1 Mensagem do Reitor-Mor aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano

*Texto da mensagem do Reitor-Mor aos jovens do M.J.S., transmitido do Colle Don Bosco em 31 de janeiro de 2000 durante a homilia da Celebração Eucarística.*

Queridos jovens,  
irmãos e irmãs da Família Salesiana,  
amigos.

1. Desta Colina, onde tudo fala de Dom Bosco, em sua festa engastada no ano jubilar entre dois milênios, deste templo renovado para um encontro mais sentido com Ele, dirijo-me aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano do mundo.

A primeira palavra que vos digo é: *“Alegrai-vos sempre no Senhor”* (Fl 4,4). Este convite que sempre escutamos quando fazemos memória de Dom Bosco, ressoa hoje mais vibrante e convincente.

*“O Senhor está próximo”* (Fl 4,5). Ou melhor, presente: caminhou com os homens até este ano 2000 e ainda convive conosco, de forma toda singular, desde o momento da Encarnação do seu Filho.

O nascimento de Jesus Cristo foi circundado com cantos de alegria, marcando o início da nossa era. A Páscoa, vitória sobre a morte e garantia de libertação de todo o mal foi anúncio de alegria.

Alegria e regozijo encheram também a vida de Dom Bosco, desde os seus primeiros anos transcorridos aqui em meio ao trabalho, aos cuidados maternos de Mamãe Margarida, ao desejo de aprender, à companhia dos coetâneos.

A alegria sempre suscita gratidão e dela jorra, porque a vida é dom, envolvida no amor do início ao fim. No-lo diz a história: a grande história do mundo, fecundada de santos e sábios, de testemunhas corajosas e de silenciosos

agentes do bem; mas também a história pequena, que é a vossa história pessoal.

Os dois mil anos transcorridos desde a Encarnação falam do amor permanente de Deus, através de tantas pessoas que se envolveram em seu nome num esforço de salvação e civilização.

Reunidos aqui como juventude salesiana, fazemos memória comovida de dois séculos de história salesiana: com alegria e gratidão! Aqui, em 1815, João Bosco viu a luz. Levando, hoje, o olhar sobre o mundo, contemplamos a rede de obras que surgiram em seu nome e a multidão de jovens que nelas encontram casa, amizade e orientação para a vida.

Percorrei de novo, porém, dizia-vos, mesmo que só velozmente, a vossa jovem existência. Alegria e gratidão jorrarão como de uma fonte interior: porque tendes a vida, porque vos foi preparado um feliz encontro com Jesus, porque recebestes o dom da fé cristã, porque podeis exprimi-la com liberdade, segundo a vossa vivacidade característica na comunhão eclesial.

Quantas vezes tereis exultado e agradecido ao Senhor pelo

amor dos vossos pais e a disponibilidade dos vossos educadores; e quantas outras, por terdes compartilhado em muitos a amizade, os projetos, a festa confluída numa celebração eucarística, autêntica e envolvente!

Sois protagonistas nesta bela história, grande e pessoal, em cuja origem está Jesus; compartilhais com tantos outros homens a ânsia de liberdade, de dignidade humana, de fraternidade, de paz!

Dom Bosco, hoje, nestes lugares que o viram menino, encoraja-vos a descobrir e percorrer os caminhos que, destas aspirações, levam à alegria plena.

2. Iniciando o ano jubilar abre-se uma porta e somos convidados a atravessá-la: trata-se de um sinal que contém uma mensagem. Ultrapassando a porta, entramos no Templo, o espaço onde sente-se mais claramente a presença de Deus. Entramos também na assembléia da comunidade cristã que, em comum, celebra as maravilhas realizadas por Deus, louva a sua grandeza, agradece a sua misericórdia, recebe dele energia para doar-se a serviço do homem.

A porta tem ainda um significado mais pessoal, que interessa a cada um de vós: é a passagem através da qual Deus e os irmãos podem entrar em nosso coração, em nossos projetos, em nossos bens.

A nossa porta pode ser aberta como aquela de Maria, que acolheu o convite do Senhor e disse: *“Eis aqui a Serva do Senhor”* (Lc 1,38); que se deixou como-ver pela necessidade da prima Isabel, por quem *“pôs-se em viagem e foi às pressas à aldeia”* distante (Lc 1,39); que se mostrou atenta em Caná, mobilizando-se para que a festa continuasse (Jo 2,3.5), que junto à cruz deu a sua disponibilidade materna para receber de Jesus a entrega de todos nós: *“Mulher, eis o teu filho!”* (Jo 19,26).

A porta, porém, pode permanecer fechada, porque nos apegamos aos bens (cf. Lc 18,22-23), porque a desordem reina na própria vida (cf. Lc 12,29), porque a distração e o rumor tornam difícil *“entender o que está acontecendo ao nosso redor”* (Lc 12,56), porque a ambição impede que se dê espaço a projetos generosos (cf. Lc 14,7-14).

Desta Colina, onde João Bosco teve o sonho-orientação da

sua vida, ele vos diz: “Abri a vossa vida ao grande sonho que Deus tem sobre cada um de vós: a santidade!

É o horizonte ao qual sois chamados pelo Papa em vista da próxima Jornada Mundial da Juventude: *“Queridos jovens... de todos os continentes, não tenhais medo de ser os santos do novo milênio! Sede contemplativos e amantes da oração; coerentes com a vossa fé e generosos no serviço aos irmãos, membros ativos da Igreja e artífices de paz”* (Mensagem, 3).

Não mireis algo mais baixo!

Tende confiança na graça de Deus, na felicidade que a sua proposta vos dará e no Espírito que habita em vós. Não sois os primeiros a deixar-vos atrair pelo desejo de santidade: esta é, de fato, uma característica do Movimento ao qual pertenceis. Ele tem vivido, desde as origens, graças ao sentido de Deus e à caridade sem medida que exalava de Dom Bosco e Madre Mazzarello. Depois deles, os jovens souberam unir de modo estupendo vitalidade juvenil e resposta generosa a Deus.

Este lugar encerra ainda as imagens daquela jornada luminosa em que João Paulo II procla-

mou a santidade de Laura Vicuña entre cantos e aplausos dos jovens.

3. Qual é a porta pela qual se entra para explorar esse maravilhoso espaço da vida segundo o sonho de Deus?

“*Eu sou a porta*” (Jo 10,7): é a declaração de Jesus. Através dele podemos entrar sem riscos de ilusão ou engano no mistério de Deus, no amor dos irmãos, na verdadeira vida.

É a experiência dos que se entregaram confiantes a Ele, sobretudo dos discípulos mais queridos e entusiasmados. Dois deles, conta o Evangelho, fascinados pela sua personalidade, puseram-se a segui-lo. Jesus volta-se para eles e pergunta: “*O que buscais?*”. Antes ainda que respondam, pois tinha lido o seu desejo de fazer causa comum com Ele, acrescenta: “*Vinde e vede*”.

Vinde e vede! É o convite que também vos é dirigido para conhecer profundamente Jesus, fazer amizade compartilhando com Ele o tempo, a vida, o trabalho, a companhia. É o desafio a envolver-se com Ele, mantendo com fidelidade uma promessa de amor que se torne fonte de luz e coragem.

A porta faz entrar num caminho de amor que leva sempre além, sempre mais para o alto. “*Eu sou o caminho, a verdade e a Vida*” (Jo 14,6).

Com a confiança colocada em Deus e interpretando a orientação do nosso pai e mestre Dom Bosco, às portas deste novo milênio, faço-vos um apelo e dou-vos uma orientação, jovens do Movimento Juvenil Salesiano: ide além.

Descobri em profundidade, além da superfície do cotidiano, em suas dobras e em seu tecido, o projeto que Deus Pai pensou para vós desde a eternidade.

Ide além do interesse individual, abrindo-vos à escuta dos muitos apelos que ressoam ao vosso redor: ofereci uma palavra sincera, um olhar amigável, uma mão generosa.

Ide além da vossa nação e da vossa cultura, cultivando as sementes daquela fraternidade universal que sabe reconhecer o valor do diverso, porque nasce do Pai de todos os homens.

Ide além da pacífica e às vezes tediosa satisfação dos hábitos consumistas e construí, sem esmorecer, uma solidariedade útil e visível.

Ide além da visão individual, da competência mesmo arduamente conquistada, da riqueza legitimamente ganha, e compartilhai com amor os vossos bens com quem deles tem necessidade.

Ide além das certezas da razão e da ciência, e intuí o mistério que é gerado na realidade, reconhecendo com alegria filial as pegadas de Deus Criador, a energia de Cristo Ressuscitado e a presença do Espírito que vivifica.

Mesmo em vossa experiência religiosa, ide além das obrigações, dos ritualismos e da busca de emoção imediata e ancorai-vos na fé da grande comunhão eclesial: celebrai a Páscoa do Senhor da vida e com ela a vitória do bem sobre o mal.

Ir além não é outra coisa que crer e assumir a lógica evangélica de generosidade e criatividade, sugeridas pelas bem-aventuranças *“para que seja nosso o reino dos céus... para que possamos possuir a terra, para que sejamos chamados filhos de Deus, para que seja grande a vossa recompensa nos céus”* (Mt 5,10.12).

É o apelo que se ouve potente neste lugar natal de Dom Bosco, chamado justamente de

Colina das Bem-aventuranças Juvenis porque evoca a sua grande paixão: *“Quero que sejais felizes no tempo e na eternidade”*.

4. Ir além é também superar as fronteiras geográficas. O Reino de Deus precisa hoje mais do que nunca de mentes abertas e corações generosos que sintam e trabalhem em dimensões mundiais. Dom Bosco, num famoso sonho, imagina estar justamente aqui, nesta Colina, e ver o vastíssimo campo da sua missão: o mundo todo! Este ímpeto missionário, traço característico de todo seguidor de Dom Bosco, jovem ou adulto, será particularmente sublinhado por nós, neste ano jubilar, no dia 11 de novembro, com a *“expedição missionária extraordinária”* pelo número e pela destinação.

Como o primeiro grupo de missionários enviados pelo próprio Dom Bosco há 125 anos, composto de jovens audaciosos e generosos, crescidos na experiência oratoriana e dos grupos juvenis, também este partirá do Altar de Maria Auxiliadora em todas as direções do mundo.

Vós também estais convocados. Alguns voluntários serão

vossos representantes. O Movimento Juvenil Salesiano inteiro, porém, deve ter a alma missionária. Onde quer que seja, fazei-vos promotores de alegria e fermento de esperança. Senti-vos enviados a ser sinais e portadores do amor de Deus, dando uma alma à convivência humana nos bairros e cidades tornando-se anunciadores da Palavra junto aos outros jovens.

O amor de Deus encarnado continuará, dessa forma, em vós e através de vós. Sabeis que a espiritualidade salesiana encontra a sua inspiração fundamental na Encarnação. Ela é, de fato, a modalidade primeira de ser “sinais e portadores do amor de Deus”. Dela vem o exemplo do primeiro passo na direção do irmão, da partilha da caminhada do homem na história, do encontro imediato e pessoal com quem está à nossa frente.

É a Encarnação que revela o valor da vida cotidiana, feita de tantos fragmentos que se recompoem em unidade e se tornam capazes de revelar a presença de Deus, assim como desprende-se a luz da divindade de Cristo na sucessão dos dias, do nascimento à ressurreição, em acontecimentos domésticos e extraordinários.

5. O missão é árdua, mas sedutora; e não lhe faltam indicações, energias e companheiros de viagem.

O Confronto Europeu que celebrastes como Movimento Juvenil Salesiano no mês de agosto do ano passado nesta Colina, e outros semelhantes em diversos continentes, foram uma etapa significativa dessa caminhada, preparada e seguida por momentos de estudo e de busca, de oração e de festa.

Esperais agora o encontro dos vossos representantes no Fórum Mundial, previsto também aqui no Colle nos dias imediatamente anteriores à Jornada Mundial da Juventude. Participareis, certamente, em seguida, com outros milhares de jovens, de perto e de longe, da Jornada Mundial e do encontro com o Santo Padre João Paulo II.

Relançados neste Ano Santo, estareis prontos para comunicar a vossa experiência a muitos outros jovens e a difundir a espiritualidade que Dom Bosco propõe aos jovens.

Como Dom Bosco tendes, para isso, Maria como “mãe e mestra”. Não desviái dela o olhar;

escutai-a quando diz: “*Fazei o que Jesus vos dirá*” (Jo 2,5). Rezai a Ela com confiança filial para que o Senhor suscite entre os jovens almas generosas que saibam dizer sim ao seu apelo vocacional.

Com João Paulo II entregovos a Ela, e convosco entrego todo o mundo dos jovens, para que eles, atraídos, animados e guiados por Ela, possam chegar à estatura de homens novos para um mundo novo: o mundo de Cristo, Mestre e Senhor (cf. *Juvenum Patris*, 20).

## 5.2 Mensagem do Reitor-Mor à Família Salesiana

*Texto da Mensagem do Reitor-Mor à Família Salesiana, transmitida da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim no dia 31 de janeiro de 2000, durante a Homilia da Celebração Eucarística.*

Já entramos no ano jubilar, que une dois milênios na memória daquele evento único de graça, que é a Encarnação do Verbo na história do nosso mundo: Jesus, o Senhor nascido de Maria. Nele e por Ele tornamo-nos filhos de Deus, família sua, e, como tais, caminhamos para o encontro com

o Pai, levando no espírito sonhos e temores, esperanças e trepidações, alegrias e sofrimentos.

Escutamos e fizemos nosso o convite à conversão da mente e à reconciliação do coração. Refere-se a nós de modo particular, um apelo do Papa: “*Toda família religiosa viverá bem o Jubileu retornando com pureza de coração ao espírito do Fundador!*”.

Para nós, pois, celebração jubilar significa fidelidade renovada e criativa a Dom Bosco, à sua espiritualidade, à sua missão. Há um Ano santo “salesiano”, durante o qual somos chamados a reviver com luminosidade e comunicar com entusiasmo as experiências de vida, as modalidades de ação, os traços de espírito que levaram Dom Bosco e Madre Mazzarello à santidade.

Santidade: essa é a fonte e a energia de onde “*origina-se vasto movimento de pessoas que, de várias maneiras, trabalham para a salvação da juventude*”, a Família Salesiana. Não pensem que ela possa ser o resultado de uma organização, mesmo perfeita, ou de técnicas refinadas de agregação. Ela foi suscitada pelo Espírito e vive do Espírito.

A essa Família, hoje, festa de Dom Bosco, no início de um novo milênio, desta Basílica, centro de irradiação do espírito de Dom Bosco no mundo, gostaria de entregar uma mensagem que se torne programa e caminho de crescimento.

A Família Salesiana viveu uma autêntica primavera no século que deixamos atrás: ela cresceu até tornar-se árvore frondosa e robusta, verdadeiro dom de Deus à Igreja e ao mundo. Aos grupos originais, suscitados e cultivados por Dom Bosco, uniram-se, sob o impulso do Espírito Santo, outros que, com vocações específicas, enriquecem a comunhão e alargam a missão salesiana.

A família aumentou, o trabalho já realizado e aquele que sonhamos multiplicou-se, o campo de ação em benefício de muitos jovens e adultos estendeu-se sem limites.

Algo permaneceu constante: a paixão educativa, particularmente pelos jovens mais pobres, ajudados a tornar-se conscientes da própria dignidade de pessoas, do valor e das possibilidades que a sua vida tem para Deus e para o mundo.

*Da mihi animas!* É o lema de Dom Bosco, que fazemos nosso. A nós, as pessoas. Olhamos para elas, para a sua dimensão espiritual, e delas queremos ocupar-nos para despertar nelas a vocação de filhos de Deus e ajudar a realizá-la seguindo o Sistema Preventivo, isto é, através da razão, da religião e do carinho.

Este Ano Santo, vivido “salesianamente”, será marcado pela caridade ardente e operosa: a caridade que fez de Dom Bosco uma imagem de Jesus Bom Pastor, reconhecível pelos jovens e pela gente humilde do seu tempo. Nós, Família Salesiana, somos chamados hoje, no século XXI, a modelar o nosso coração, pobre e às vezes também pecador, segundo o coração de Jesus em quem Deus manifestou-se ao mundo como aquele que dá a vida para que o homem seja feliz.

À luz desse propósito de caridade educativa, contemplan-do o futuro imediato e distante, vê-se que para agir melhor em favor da pessoa, é preciso reforçar uma qualidade que o mundo extenso e unificado pede, a sociedade civil complexa solicita, a Igreja cultiva, celebra e exige:

uma comunhão sólida, traduzida em crescente capacidade operativa: a comunhão pela missão juvenil. Em outras palavras: trabalhar e cooperar como Família Salesiana.

Dom Bosco dizia aos cooperadores salesianos: *“As forças frágeis, quando estão unidas, tornam-se fortes, e se um cordãozinho, sozinho, rompe-se com facilidade, é muito difícil romper dois ou três deles unidos”*.

Num mundo que tem sede de unidade, mas não raramente cultiva fermentos de divisão, que recomenda sinergia, mas escolhe a concorrência como lei, nós queremos oferecer um sinal que é fonte de alegria para nós, faz-nos eficazes e difunde ao nosso redor paz, harmonia e reconciliação.

Colaboraremos assim para realizar o desejo e a oração de Jesus. Ele, na noite em que estava sendo traído, pediu como dom precioso ao Pai a unidade dos seus, da Igreja: *“Conservai unidos a vós aqueles que me destes, para que sejam um como nós”* (Jo 17,11); *“... Fazei que todos sejam um, e assim o mundo acredite que vós me enviastes”* (Jo 17,21). Pouco antes tinha instituído o sacramento da unidade, a Eucaristia,

para que fosse ao longo dos séculos, reunião dos seus filhos dispersos, reunião da sua família.

A nossa não é uma união qualquer. Não é só uma disciplina de organismo que nos impomos. É a semente da felicidade completa que nos cabe na comunhão com Deus e o segredo da nossa fecundidade.

Compreendemos o que significa para nós viver em comunhão de espírito e agir em união de intentos olhando à Trindade, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, o mistério que o Jubileu, depois de um caminho de três anos, nos convida a meditar em todo o seu esplendor, para o louvor da Santa Trindade (cf. *Tertio Millennio Adveniente*, 55).

O Pai chama-nos à ampliação do coração; por isso, membros e grupos da Família Salesiana, nos acolhemos e reconhecemos como irmãos e irmãs, homens e mulheres amados por Ele, chamados pessoalmente por Ele a trabalhar no seu campo com uma finalidade única. A mesquinhez do coração humano pode levantar barreiras, criar distâncias e separações, buscar, como os apóstolos, o primeiro lugar com

prejuízo do Reino. Às vezes, os nossos temores ou reservas à mesma unidade com os outros podem produzir efeitos semelhantes. Coração como o do Pai significa afeto verdadeiro e profundo pelos jovens e pelos que gastam a vida por eles. Traduz-se em cordialidade, valorização de todos e de cada um, reconhecimento daquilo que cada um pode e consegue dar.

O *Espírito Santo* indica-nos uma segunda atitude para construir família: a acolhida agradecida e alegre da diversidade. Manifestação do Espírito são as muitas línguas, os diversos carismas, os vários membros de um corpo. São os bilhões de homens, cada qual plasmado singularmente como filho de Deus. O Espírito não se repete, não produz em série.

Dom Bosco foi mestre em fazer aflorar a unidade na diversidade de tipos e temperamentos, de condições e capacidades. Em seu tempo, essa sensibilidade era menos premente. Hoje, porém, é um desafio educativo e pastoral à convivência humana, ao testemunho eclesial e à Família Salesiana.

Diversidade quer dizer abundância de relações, variedade de forças, fertilidade de campos e, portanto, fecundidade sem cálculo. Que inigualável oportunidade de diálogo, de intercâmbio de experiências espirituais e educativas podem oferecer na Família Salesiana homens e mulheres, consagrados e seculares, sacerdotes e leigos, em sua singular condição de maridos, esposas e filhos, jovens, adultos e anciãos, operários, profissionais ou estudantes, gente de povos e culturas variadas, na plenitude de suas forças ou na prova da doença, santos e pecadores!

É certo que a unidade entre diversos não é um fato de natureza; justamente, porém, para que nós tivéssemos a força de superar o instinto de auto-afirmação, Jesus rezou: "*Que sejam um!*". O Ano Santo chama-nos também a essa conversão.

*Jesus, o Senhor*, o Filho que se fez nosso companheiro de viagem, que reconcilia todas as coisas, as que estão no céu como as que estão na terra, recapitulando-as em Deus, indica-nos uma terceira atitude: a vontade de caminhar juntos para um horizonte

compartilhado, de colocar-nos juntos num espaço por nada etéreo; o Reino, de formar uma comunidade reconhecível de discípulos que assumem juntos o seu mandato: “*Ide ao mundo inteiro*”.

A Família Salesiana, unida, procurará dar consistência à própria presença na sociedade e incidência à sua ação educativa: há a questão juvenil, há a vida a preservar, há a pobreza em suas diversas expressões a debelar. Há a paz a promover; há os direitos humanos declarados a tornar reais; há Jesus a tornar conhecido. Tudo isso comporta olhar, refletir, dialogar, estudar, rezar juntos para encontrar o caminho a percorrer em espírito de comunhão. É o sinal do amor que os jovens esperam, e certamente sentirão o seu impacto e benefício.

Devemos recordar, enfim, que não há verdadeira família se faltar a presença da mãe. E nós temos uma mãe. Esta Basílica proclama-o em alta voz. É ela, *Maria*, que nos sugere ainda um traço da nossa comunhão operativa. O do *Magnificat*: a esperança vivida na alegria do trabalho, da gratidão e da espera.

A indicação, desta vez, vem-nos do componente jovem da Família Salesiana. “*Nós fazemos consistir a santidade em estar muito alegres!*”, escrevia Domingos Sávio, simplificando um tema bíblico e um traço de espiritualidade que merece tratados longos e complexos. A alegria salesiana, que permeia a vida de nossas obras, ilumina também as relações interpessoais, leva a projetar com magnanimidade, leva a agir com confiança e otimismo, alegra-se com os resultados obtidos e está sempre à espera dos que virão para celebrá-los em comunhão.

“*Um pedaço de paraíso conserta tudo*”. A fonte da serenidade e da alegria da Família Salesiana é o olhar voltado ao céu, é a certeza da presença de Deus na história nossa e do mundo.

Dom Bosco, nos últimos momentos, repetia a quem estava perto dele: “*Amai-vos como irmãos; amai-vos, ajudai-vos e suportai-vos como irmãos*”.

Como Família Salesiana, queremos empenhar-nos na união de todos os cordãozinhos que nos constituem, em viver a unidade como valor evangélico e estilo de trabalho em favor dos jovens.

Queremos fazer nosso o testamento de Jesus, repetido por Dom Bosco: *“Que sejam um para que o mundo creia”*.

Coloquemos, nos primeiros passos deste ano jubilar, o nosso empenho nas mãos de Maria, que nos foi dada como mestra de bondade e sabedoria, para olhar, para amar, para agir.

### **5.3 Decreto de ereção canônica da Visitadoria Salesiana “Mamá Muxima” de Angola**

#### DECRETO DE EREÇÃO CANÔNICA DA VISITADORIA SALESIANA “MAMÁ MUXIMA” DE ANGOLA

O abaixo-assinado  
P. Juan E. VECCHI  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento das presenças salesianas no Estado de Angola, que — no âmbito do Projeto África — eram sustentadas particularmente pelas Inspetorias da América Latina, Região Cone Sul;

- levando em consideração que, para uma animação mais eficaz, as mencionadas presenças foram constituídas como “Delegação Inspetorial” dependente da Inspetoria de São Paulo do Brasil;
- ouvidos os inspetores interessados e vistos os resultados da consulta promovida entre os irmãos que trabalham no País acima mencionado;
- com referência ao artigo 156 das Constituições;
- obtido o consenso do Conselho Geral na reunião de 24 de dezembro de 1999, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

#### ERIGE CANONICAMENTE

através do presente Decreto, a nova VISITADORIA SALESIANA DE ANGOLA, intitulada a “MAMÁ MUXIMA” (“Mãe do Coração”), com sede em LUANDA, Casa “Maria Auxiliadora”, compreendendo as seguintes Casas, erigidas canonicamente;

BENGUELA, “São Domingos Sávio”  
CALULO, “Santo Antônio”

DONDO, “Maria Auxiliadora”

LUANDA, “Maria Auxiliadora”, sede da Visitadoria

LUANDA, “Maria Auxiliadora”, Paróquia São Paulo

LUANDA, “São João Bosco” [Palanca]

LUANDA, “São José Operário”

LUENA, “São João Bosco”

N'DALATANDO, “Maria Auxiliadora”

Fica estabelecido que:

1. Pertencem à Visitadoria, os irmãos que, na data da ereção canônica, vivem e trabalham nas Casas e presenças salesianas acima mencionadas.
2. Pertencem-lhe, também, os irmãos em formação provenientes de Angola, embora inseridos em comunidades formadoras externas.
3. O âmbito das relações da Visitadoria com as Inspetorias de origem será definido por Convenção especial, aprovada pelo Reitor-Mor.

O presente Decreto entrará em vigor em 31 de janeiro de 2000.

Roma, 24 de dezembro de 1999

P. Juan E. VECCHI

Reitor-Mor

P. Francesco MARACCANI

Secretário Geral

#### **5.4 Reconhecimento de pertença da Congregação de “São Miguel Arcanjo” à Família Salesiana**

*Apresenta-se a carta do Reitor-Mor, endereçada ao Superior Geral, com a qual comunica o reconhecimento de pertença da Congregação de “São Miguel Arcanjo” à Família Salesiana.*

00/0109

Roma, 24 de janeiro de 2000

Gentilíssimo Padre,

Desejo comunicar-lhe que tomamos em consideração no Conselho Geral, o seu pedido de reconhecimento de pertença à Família Salesiana de Dom Bosco e chegamos à resposta positiva na reunião de 21 de dezembro de 1999.

Foi uma ocasião para voltar a percorrer algumas etapas da vida salesiana na Polônia, iniciando dos primeiros anos da nossa presença. O espírito de Dom Bosco encontrou ampla acolhida nessa terra. As quatro inspetorias salesianas presentes hoje no território da Polônia confirmam o bom relacionamento que existe entre Dom Bosco e o povo da Polônia.

Vemos nesse contexto o vosso pedido de pertença à Família Salesiana.

Compartilhamos, antes de tudo, a referência a Dom Bosco, ao seu espírito, à sua opção apostólica e, por muitos versos, também, às suas modalidades de organização. Encontramos, com alegria, nos documentos da vossa espiritualidade, muitos elementos de uma tradição que nos é comum. Agrada-me referir-me rapidamente a eles, também porque são referências indispensáveis para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana de Dom Bosco.

Em relação à espiritualidade:

- Trabalho e temperança sempre foram para Dom Bosco o critério de viver a vida salesiana. No sonho do Personagem misterioso, o Sonho do Manto ou dos Dez Diamantes, fei-

to em San Benigno Canavese na noite entre 10 e 11 de setembro de 1881, Dom Bosco ouve repetir:

*‘É preciso que façam imprimir estas palavras que serão como o vosso lema, a vossa palavra de ordem, o vosso distintivo.*

*Anota-as bem: O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana.*

*Estas palavras, farás explicá-las, repeti-las-ás, insistirás sobre elas.*

*Farás imprimir um manual que as explique e faça entender bem que o trabalho e a temperança são herança à Congregação e, ao mesmo tempo, serão a sua glória”* (MB XII, 466 e ss.).

É um aspecto não secundário. Nós, filhos de Dom Bosco, relacionamos as duas realidades também com o Sistema Preventivo.

Pedimo-vos também que criéis essa relação em nível de reflexão e de experiência.

Estamos convencidos de que dar espaço e ver as consequências práticas do Sistema Preventivo, na vida dos Irmãos como no trabalho apos-

tólico, servirá para crescer na espiritualidade típica salesiana.

Escreveis no artigo 14 das Constituições:

*“Todos os irmãos devem estar prontos a suportar, com espírito de penitência, o frio e o calor, a fome e a sede, os incômodos e o desprezo, sempre que isso for exigido para a glória de Deus, a salvação das almas e o bem espiritual do próximo”.*

É um modo de continuar o tema anterior da temperança e do trabalho, mas é também a maneira mais simples de exprimir a disponibilidade do apóstolo a tudo que a missão exige.

Para Dom Bosco, a missão, pelo divino valor que traz consigo, representa a lei de vida no cotidiano. Dá uma tonalidade particular a toda a existência.

- O binômio ‘trabalho - temperança’ enriquece-se no estilo salesiano de uma terceira palavra que exprime a força do trabalho e a qualidade da temperança: a oração.

Dom Bosco foi chamado de “a união com Deus”. Deixou-

nos o empenho de uma oração que preenche toda a vida, também a apostólica.

Vós, caros irmãos, dais amplo espaço à presença de Deus na vida pessoal e na vida missionária.

O vosso lema coloca-se na linha da oração operosa, para a maior glória de Deus.

Poderia continuar com muitas outras acentuações que assumem as perspectivas de Dom Bosco e que são também patrimônio espiritual dos grupos da Família Salesiana.

Faço votos de que o fato formal do reconhecimento vos ajude a aprofundar mais o espírito salesiano redescobrimo o próprio Dom Bosco em suas palavras, nas opções que fez, nos critérios que colocou como base da sua presença na Igreja.

Se da espiritualidade passo a considerar o trabalho apostólico, encontro elementos que podemos realizar em colaboração de intentos.

Refiro-me particularmente a três pontos:

- *O trabalho pela educação dos jovens.*

Dom Bosco recebeu de Deus

uma vocação particularíssima pela juventude.

A Igreja chama-o de Pai e Mestre dos jovens. O Papa recorda-nos que devemos ser missionários dos jovens.

A Congregação Salesiana aprofundou esses aspectos nos últimos Capítulos Gerais. Todas essas coisas não são motivo de orgulho para nós, mas de empenho para encontrar outros co-responsáveis da educação e da salvação da juventude.

Compartilhando algumas perspectivas, embora nas características originais de cada um, e convergindo em alguns critérios educativos e pastorais, podemos trilhar um caminho comum em vantagem da juventude, nos lugares concretos onde a Providência colocou os nossos Institutos.

- *O trabalho pela boa imprensa.* Estais, certamente, ao corrente de que Dom Bosco escreveu em 1885 uma circular aos seus Irmãos sobre a difusão dos bons livros.

Um apostolado precioso para aquele tempo. Um apostolado ainda hoje indispensável. Alargaram-se, porém, os ho-

rizontes. A boa imprensa tornou-se “comunicação social”. Não se trata de uma simples mudança de terminologia. Olha-se de maneira nova à cultura e à relação com o mundo, de modo particular o mundo dos jovens. Sentimos, por isso, diretamente interpelados.

Quisemos, como Salesianos, uma Faculdade de comunicação social para responder às novas exigências do mundo. Ali formamos e qualificamos os Irmãos que estarão empenhados no setor da comunicação.

- *O empenho pela promoção vocacional.*

Advertimos, também neste âmbito, uma sintonia de fundo com a vossa opção constitucional, que nos leva a Dom Bosco.

O nosso Santo Fundador queria todas as suas casas orientadas para o crescimento humano e cristão dos jovens, a ponto de ajudar cada um a encontrar a própria vocação. Isso exigiu de nós um projeto concreto. Empenhou-nos na qualificação dos irmãos que eram chamados a trabalhar na

promoção vocacional. Levou-nos a tomar em consideração não só o caminho formativo dos adolescentes, mas sobretudo o dos jovens. Invoquemos do Senhor a sua bênção para que esforços feitos cheguem a bom termo.

Quero concluir esta já longa carta.

Agradeço-lhe pelas palavras com que se dirigiu a mim, na qualidade de Reitor-Mor dos Salesianos e Sucessor de Dom Bosco, pedindo a pertença: *“Somos gratos ao Senhor por poder participar do grande carisma dado por Deus a São João Bosco”*.

Sinto, como sucessor de Dom Bosco, a alegria e a responsabilidade da Família que cresce.

As Constituições Salesianas e as Constituições de muitos Grupos da Família Salesiana exprimem-se, referindo-se ao Reitor-Mor com palavras semelhantes: é “o Pai e centro de toda a Família”.

Dom Bosco, que celebraremos dentro de alguns dias, abençoe a vossa vida.

Uma saudação cordial a todos os Irmãos,

P. Juan E. Vecchi

## 5.5. Assistente Central das VDB

*Apresenta-se a carta do Reitor-Mor à Responsável Maior, em que comunica a nomeação do P. Julio Olarte como Assistente Central das VDB.*

00/0245

Roma, 2 de fevereiro de 2000  
Apresentação de Maria ao Templo

Gentilíssima Senhorita Gianna Martinelli  
Responsável Maior VDB  
Via San Giovanni Bosco, 4  
25125 BRESCIA

Gentilíssima Gianna Martinelli  
Cara Irmã,

Desejo comunicar-lhe que, depois de ter ouvido a Sra. e o seu Conselho Central, em vista da mudança do P. Corrado Bettiga, que assumiu a direção da Comunidade Beato Miguel Rua junto à Casa Geral, cheguei à determinação de nomear o irmão sacerdote Julio Olarte como Assistente Central. O Irmão vem da Inspeção da Colômbia - Bogotá.

O P. Julio Olarte, neste momento, tem o encargo de delegado inspetorial para toda a Família Salesiana que vive naquela Inspeção. Conhece bem todos os Grupos da Família Salesiana. Defendeu a sua tese em nossa Universidade de Roma enfrentando, de maneira competente e profunda, o tema da história, desenvolvimento e vida do Grupo das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, chamadas de Irmãs do P. Variara. Tem capacidade de animação. É pessoa sábia e prudente, poderá fazer um serviço precioso ao Instituto das Voluntárias.

Não preciso recomendá-lo à vossa bondade e à vossa oração, porque estou convencido de que desde o primeiro dia, em que vos coloquei ao corrente da mudança do P. Corrado Bettiga (a quem agradeço fraternalmente pela generosidade do seu serviço), começastes a invocar o P. Filipe Rinaldi, pedindo-lhe a vinda de uma pessoa feita segundo o seu coração de Pai.

Continuai a apoiá-lo.

Aproveito a ocasião para fazer chegar a todos os membros do seu Conselho uma saudação cordial, a garantia da minha lem-

brança e estima pelo que estais fazendo no mundo todo.

Ajude-vos Dom Bosco, e acompanhe-vos sempre o P. Filipe Rinaldi.

Fraternalmente,

P. Juan E. Vecchi

## 5.6 Novos Inspetores

*Apresentam-se alguns dados dos Inspetores, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária invernal, dezembro 1999 - janeiro 2000.*

### 1. DOBRAVEC Lojze, Inspetor da Inspeção da ESLOVÊNIA

P. Lojze DOBRAVEC foi nomeado novo Inspetor da Inspeção de Liubliana, Eslovênia. Sucede ao P. Sanislav Hocevar, ao final do segundo sexênio.

Nascido em Liubliana em 12 de abril de 1954, fez a primeira profissão salesiana em 13-08-1972 na casa de Zelimlje, onde fizera o noviciado. Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos nessa mesma casa, depois do ti-

rocínio prático frequentou o curso teológico em Liubliana, coroadando-o com a ordenação presbiteral recebida em 29 de junho de 1980.

Trabalhou, depois, em tarefas educativas e pastorais na casa de Zelimlje (1980-1983). Em seguida, após alguns anos passados em Liubliana, Rakovnik e Kodeljevo, foi nomeado diretor de Zalimje em 1988, encargo que manteve até o momento, realizando o projeto de renovação da grande obra escolar. De 1985 a 1997 foi também membro do Conselho Inspetorial.

2. *FERNÁNDEZ ARTIME Angel, Inspetor de LÉON (Espanha)*

P. Angel *FERNÁNDEZ ARTIME* é o novo Inspetor da Inspeção de León, Espanha, que sucede ao P. José Antonio San Martín Pérez, ao final do seu mandato.

Ele nasceu em Gozón-Luanco (Oviedo), Espanha, em 21 de agosto de 1960 e é salesiano desde 1978, tendo feito a primeira profissão no dia 3 de setembro de 1978 em Mohernando, onde fizera o noviciado. Foi ordenado presbítero em León no dia 4 de

julho de 1987. Coroadou seus estudos com a Licença em Filosofia e Pedagogia.

Após a ordenação sacerdotal iniciou o seu trabalho educativo e pastoral na casa de Avilés (1987-1989). Depois de dois anos em Madri foi inserido, em 1991, no Conselho Inspetorial e nomeado Delegado Inspetorial para a Pastoral Juvenil, encargo que desenvolveu com competência até 1998, quando foi feito Vigário da Inspeção e nomeado também Diretor da casa inspetorial, onde chegou-lhe a nomeação para Inspetor.

3. *LANTAGNE Luc, superior da Visitadoria do CANADÁ*

O P. Luc *LANTAGNE* foi chamado a suceder ao P. Richard Authier — depois de dois sexênios no cargo — à guia da Visitadoria do Canadá.

Nascido em Sherbrooke (Québec) em 3 de maio de 1951, P. Luc Lantagne professou na Sociedade Salesiana em 1º de setembro de 1972 na casa salesiana de Newton, antigo noviciado da Inspeção dos Estados Unidos Leste, à qual o Canadá estava unido. Feitos os estudos filosóficos e o

tirocínio no Canadá, foi enviado a Turim-Crocetta para os estudos teológicos, que concluiu com a Licença em Teologia. Foi ordenado presbítero em Sherbrooke em 16 de junho de 1984.

Após a ordenação encontramo-lo por vários anos trabalhando em tarefas educativas, pastorais e comunitárias na casa de Sherbrooke (onde foi também ecônomo). Em 1992 foi feito pároco em Edmonton e em 1994 nomeado diretor da Comunidade na qual foram reunificadas — com a sua contribuição — as várias presenças salesianas de Edmonton. Era Conselheiro Inspetorial desde 1997.

#### 4. *MATUSIC Ambrozije, Inspetor da CROÁCIA*

*P. Ambrozije MATUSIC* foi nomeado novo Inspetor da Inspetoria de Zagreb, Croácia.

Nascido em Janievo, Croácia, em 7 de dezembro de 1943, emitiu a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1962, e foi ordenado presbítero em Zagreb no dia 27 de junho de 1971, ao final dos estudos teológicos feitos ali mesmo.

Conseguida a Licença em

Teologia moral, foi por alguns professor e animador no estudantado de Zagreb-Knezija, dedicando-se ao mesmo tempo também à atividade paroquial. Em 1979 foi nomeado Vigário do Inspetor e em 1982 foi chamado a guiar como Inspetor a Inspetoria Croata.

Terminado o sexênio de inspetor, retomou em 1988 as atividades no teologado de Zagreb-Knezija, até 1991, quando foi chamado à Casa Geral de Roma como colaborador no Dicastério para a Pastoral Juvenil. De 1993 a 1995 foi diretor da comunidade “São João Bosco” da UPS. Retornando à Inspetoria foi enviado à Bósnia para iniciar a presença salesiana de Zepce. Em 1999 fora nomeado diretor e pároco na casa de Zagreb-Knezija.

#### 5. *PÉREZ GODOY Juan Carlos, Inspetor de SEVILHA (Espanha)*

Foi nomeado como guia da Inspetoria de Sevilha, Espanha, o *P. Juan Carlos PÉREZ GODOY*. Substitui ao *P. Cipriano González Gil*, ao final do sexênio.

Nascido em Burguillos (Sevilha) em 5 de novembro de 1959, Juan Carlos Pérez Godoy

professou como salesiano em 8 de setembro de 1978 em Sanlúcar la Mayor, onde fizera o ano de noviciado. Em seguida cursou o currículo formativo, realizando os estudos pedagógicos e filosóficos em Sanlúcar la Mayor, o tirocínio prático em Utrera, os estudos teológicos em Sevilha, onde foi ordenado presbítero no dia 5 de junho de 1987.

Após a ordenação, o Inspetor — vistas suas qualidades de animador — chamou-o ao centro inspetorial confiando-lhe o cargo de Delegado para a Pastoral Juvenil, que manteve durante em todos estes anos. Em 1996 foi nomeado Vigário do Inspetor e diretor da casa inspetorial.

6. *PESSINATTI Nivaldo Luiz, Inspetor de SÃO PAULO (Brasil)*

P. *Nivaldo Luiz PESSINATTI* substitui ao P. Antonio Carlos Altieri à conclusão do sexênio, como guia da Inspetoria “Nossa Senhora Auxiliadora” de São Paulo, Brasil.

Nascido em Araras (São Paulo) em 16 de fevereiro de 1951 é salesiano desde 1968, quando emitiu a primeira profissão em 31 de janeiro, em Pindamonhangaba,

antiga sede do noviciado. Seguiram-se os estudos filosóficos e pedagógicos e o tirocínio e, em seguida, os teológicos no estudentado salesiano de São Paulo - Lapa. Ordenou-se presbítero em 1º de outubro de 1977 na cidade natal. Completou os estudos com a Licença em Ciências e o Mestrado em Filosofia.

Encontramo-lo empenhado em algumas casas da Inspetoria. Em 1984 foi nomeado diretor de Lorena - São Joaquim e ao mesmo tempo Conselheiro Inspetorial. Em 1988 foi-lhe confiado o cargo de Vigário do Inspetor, que exerce por um sexênio. Em 1994 continua como membro do Conselho Inspetorial e é nomeado diretor da Casa de São Paulo - Campos Elíseos, quando obteve também o Doutorado em Comunicação.

7. *PICCOLI Luiz Gonzaga, superior da Visitadoria de ANGOLA*

O P. *Luiz Gonzaga PICCOLI* foi nomeado primeiro superior da nova Visitadoria de Angola.

Nascido em São Paulo, Brasil, em 25 de fevereiro de 1943, entrou aos doze anos no aspirantado de Lavrinhas, de onde

passou ao noviciado de Pindamonhangaba, emitindo a primeira profissão salesiana em 31 de janeiro de 1966.

Feitos os estudos de teologia no Instituto Teológico Pio XI de São Paulo (Lapa), foi ordenado padre em sua paróquia natal em 25 de agosto de 1974. Esteve por um biênio em Roma onde conseguiu a Licença em teologia moral.

Ao retornar à Inspetoria foi feito professor e animador no estudantado teológico. Em 1981 foi eleito diretor do aspirantado de Pindamonhangaba e no ano seguinte foi-lhe confiado o cargo de Mestre dos noviços no noviciado de São Carlos, do qual foi também feito diretor. Aí ficou até 1987, quando foi feito Vigário do Inspetor. Em 1988 o Reitor-Mor nomeou-o Inspetor da inspetoria “Nossa Senhora Auxiliadora” de São Paulo.

Terminado o mandato de Inspetor, em 1994 pediu para partir para Angola, então Delegação inspetorial dependente de São Paulo. Ali foi primeiramente membro da comunidade de Luanda - São Paulo e, desde 1996 diretor da casa de Luanda - São José.

## 5.7 Novos Bispos Salesianos

### 1. Dom JALA Dominic, Arcebispo de SHILLONG (Índia)

O *Osservatore Romano* publicava em 26 de janeiro de 2000 a notícia da nomeação — feita pelo Santo Padre — do nosso irmão P. Dominic JALA, Inspetor de Guwahati, como Arcebispo de Shillong (Meghalaya, Índia). Sucede a Dom Tarcisius Resto Phanrang, SDB, falecido em maio de 1999.

Originário do estado de Maghalaya, Dominic Jala nasceu em Shillong-Mawlai em 12 de julho de 1951. Atraído pela vocação salesiana, fez o pré-noviciado e o noviciado em Shillong nos anos 1968-69, e emitiu a primeira profissão em 24 de maio de 1969. Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos no pós-noviciado de Sonada, e o tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado salesiano de Bangalore. Foi ordenado presbítero em Shillong em 19 de novembro de 1977. Em seguida completou em Roma seus estudos de teologia com o Mestrado em Sagrada Liturgia.

Retornando à Inspetoria, foi professor e animador no

estudantado teológico salesiano de Shillong. Em 1989 foi nomeado diretor da casa de Shillong - S. Antônio e em 1990 eleito Vigário do Inspetor, cargo que ocupou por um triênio. Participou do CG23 como delegado. Em 1992 assumiu o encargo de diretor da casa inspetorial e em 1993, ao final do mandato de Vigário, foi feito diretor da casa de Shillong - Dom Bosco, continuando a prestar o seu serviço como Conselheiro inspetorial.

Em dezembro de 1995 foi nomeado Inspetor da Inspetoria de Guwahati, cargo que ainda ocupava no momento da nomeação para Arcebispo.

## 2. Dom HOCEVAR Stanislav, Arcebispo Coadjutor de BELGRADO (República Federal da Iugoslávia)

Com data de 26 de março de 2000, o *Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação — por parte do Santo Padre — do sacerdote salesiano *Stanislav HOCEVAR*, até o momento Inspetor da Eslovênia, como *Arcebispo Coadjutor de BELGRADO (República Federal da Iugoslávia)*

Nascido em Jelendol,

Eslovênia, em 12 de novembro de 1945, P. Stanislav Hocevar conheceu os salesianos na casa de Skocjan e, após o ano de noviciado feito em Rijeka, emitiu a primeira profissão no dia 16 de agosto de 1963, seguindo depois as etapas do currículo formativo salesiano.

Ao concluir os estudos teológicos, feitos em Liubliana, foi ordenado presbítero em 29 de junho de 1973.

Conseguida a Licença em Teologia, foi logo chamado pelos Superiores para cargos de responsabilidade. Em 1979 foi nomeado diretor da casa de formação de Zelimlje, passando também a fazer parte do Conselho Inspetorial.

Em 1982 foi chamado ao serviço de Vigário do Inspetor e em 1984 participou como Delegado ao Capítulo Geral 22. Foi feito, em seguida, diretor da Casa de Klagenfurt na Áustria, formada por irmãos eslovenos para o apostolado entre os compatriotas.

Em dezembro de 1987, o Reitor-Mor, com o seu Conselho, confiou-lhe a animação e guia da Inspetoria da Eslovênia, como Inspetor, cargo em que foi novamente confirmado por um

segundo sexênio em dezembro de 1993.

### 5.8 CD-Rom: um instrumento moderno para conhecer Dom Bosco

Foi publicado, aos cuidados do INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO de Roma, o CD-Rom "Conoscere don Bosco. Fonti, studi, bibliografia". Ele contém:

1. Sete volumes de Fontes: *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução, notas e texto crítico preparados por A. da Silva Ferreira; *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*. Terceira edição aumentada, preparada por P. Braido, com a colaboração de A. da Silva Ferreira, F. Motto, J.M. Prellezo; *Epistolario voll. 1, 2, 3. (1835-1872)*. Introdução, textos críticos e notas preparadas por F. Motto; [Dom Bosco Fundador]. *Ai soci Salesiani (1875-1885)*. Introdução e textos críticos preparados por P. Braido.

2. O estudo integral de P. Braido, *Prevenire, non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. Roma 1999 (III ed.)

3. A *Bibliografia generale*

*di don Bosco*, Vol. 1º. Bibliografia italiana 1844-1992, preparada por S. Gianotti.

4. O índice das caixas conservadas no Arquivo Salesiano Central de Roma (ASC: Pro-manuscripto, Roma 1995).

E também: 5. Fotografias "originais" de Dom Bosco (nn. 1-49); 6. Manuscritos de Dom Bosco (27 pp.); Filme em 4 línguas (italiano, inglês, espanhol, francês) sobre a Basílica de Maria Auxiliadora de Turim (20 minutos); 8. Música polifônica (33 minutos) dos salesianos: Giovanni Cagliero (1838-1926): *Tantum ergo* - 2 coros a 4 vozes mistas, coro com vozes brancas; *Sancta Maria succurre miseris*, grande antífona em dois coros - 9'39". Foram executadas na Basílica de Maria Auxiliadora em 9 de junho de 1868 para a consagração da mesma Basílica; - Giuseppe Dogliani (1849-1934): *Corona Aurea*: Antífona a 7 vozes, executada na Basílica de Maria Auxiliadora em 17 de maio de 1903 por ocasião da coroação do quadro de Maria Auxiliadora.

O CD-Rom caracteriza-se, sobretudo, pela possibilidade de utilização interativa imediata de milhares de páginas "originais" de

Dom Bosco, de seus aparatos de notas e numerosos índices finais, todos preparados pelos estudiosos do ISS. O Índice do ASC entende tornar possível ao leitor uma “navegação” pelo Arquivo, para verificar a existência dos manuscritos que lhe interessam e individualizar a sua colocação exata. É inútil sublinhar que o CD-Rom

constitui um instrumento moderno e útil de consulta para aqueles que estão interessados na história de Dom Bosco, em sua pedagogia, em sua espiritualidade.

É certamente um instrumento precioso para arquivos e bibliotecas de toda casa salesiana.

É editado pela LAS (Libreria Ateneo Salesiano).

**5.9 O pessoal salesiano em 31 de dezembro de 1999**

Insp	Total 1998	Profess. Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1999
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AET	88	12	32	0	0	11	3	0	27	85	7	92
AFC	251	13	60	0	0	35	12	0	118	238	31	269
AFE	158	4	41	0	0	19	5	0	81	150	4	154
AFM	64	3	2	0	0	5	2	0	49	61	2	63
AFO	113	3	15	0	0	14	4	0	69	105	5	110
ATE	94	3	16	0	0	12	7	0	56	94	6	100
ANT	190	7	47	0	0	13	6	0	104	177	14	191
ABA	149	2	5	0	0	14	1	0	126	148	3	151
ABB	138	4	8	0	0	12	5	0	99	128	2	130
ACO	149	3	18	0	0	12	4	0	104	141	4	145
ALP	107	10	11	0	0	11	4	0	64	100	1	101
ARO	137	5	19	0	0	13	9	0	83	129	3	132
AUL	132	2	20	0	0	17	0	0	86	125	0	125
AUS	110	1	3	0	0	11	4	1	87	107	1	108
BEN	213	2	6	0	0	24	3	0	178	213	0	213
BES	93	2	5	0	0	12	0	0	73	92	0	92
BOL	153	8	37	0	0	14	6	0	83	148	7	155
BBH	153	4	15	0	0	22	1	0	107	149	7	156
BCG	151	5	17	0	0	22	6	0	90	140	11	151
BMA	128	2	19	0	0	17	3	0	78	119	4	123
BPA	112	2	12	0	0	9	7	0	77	107	3	110
BRE	104	5	26	0	0	14	1	0	54	100	6	106
BSP	223	2	32	0	0	31	5	0	146	216	5	221
CAM	233	6	20	0	1	27	7	0	154	215	7	222
CAN	37	0	0	0	0	5	1	0	29	35	0	35
CEP	198	4	9	0	0	11	12	1	155	192	4	196
CIL	242	2	28	0	0	18	18	0	163	229	9	238
CIN	136	1	5	0	0	34	2	1	90	133	0	133
COB	164	3	16	0	0	26	5	0	110	160	7	167
COM	167	2	29	0	1	19	4	0	105	160	15	175
CRO	83	1	8	0	0	4	1	0	70	84	0	84
ECU	224	4	25	0	0	23	9	0	154	215	6	221
EST	155	3	53	0	0	1	7	0	72	136	6	142
FIN	199	5	28	0	0	18	4	0	135	190	0	190
FIS	98	0	20	0	0	10	4	0	56	90	0	90
FRA*	311	0	5	0	0	51	3	0	238	297	0	297
GBR	127	0	4	0	0	13	1	0	100	118	0	118
GEK	177	7	12	0	1	33	5	0	114	172	4	176
GEM	271	6	4	0	0	56	5	0	191	262	1	263
GIA	145	1	13	0	0	20	10	0	96	140	3	143
HAI	66	3	24	0	0	1	3	0	30	61	2	63

Insp	Total 1998	Profess. Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1999
		L	S	D	P	L	S	D	P			
INB	263	4	45	0	0	19	27	0	159	254	12	266
INC	254	5	68	0	0	21	15	0	142	251	8	259
IND	218	4	57	0	0	6	15	0	124	206	15	221
ING	346	13	86	0	0	25	26	0	178	328	20	348
INH	165	3	55	0	0	5	16	0	75	154	13	167
INK	283	6	84	0	0	7	19	0	149	265	18	283
INM*	475	9	74	0	0	24	22	0	194	323	16	339
INN	116	2	37	0	0	13	8	0	53	113	11	124
INT*	0	3	60	0	0	4	20	0	61	148	16	164
IRL	110	0	5	0	0	8	2	0	94	109	1	110
IAD	138	0	29	0	0	20	2	0	91	142	4	146
ICP	768	6	42	0	0	197	10	1	498	754	4	758
ILE	422	3	27	0	0	58	12	0	304	404	4	408
ILT	197	2	20	0	0	29	5	1	144	201	1	202
IME	307	1	23	0	0	37	6	0	227	294	4	298
IRO	292	0	8	0	0	61	2	2	209	282	1	283
ISA	67	0	1	0	0	4	2	0	58	65	2	67
ISI	299	1	11	0	0	27	3	1	250	293	5	298
IVE	287	0	36	0	0	49	6	1	185	277	5	282
IVO	212	4	4	0	0	42	3	0	154	207	0	207
ITM*	135	8	71	0	0	7	0	1	33	120	14	134
KOR	101	9	29	0	0	16	3	0	44	101	5	106
MDG	72	2	22	0	0	8	2	0	40	74	3	77
MEG	230	10	49	0	0	11	8	1	135	214	12	226
MEM	184	2	36	0	0	14	12	0	108	172	9	181
MOR	121	0	11	0	1	17	3	0	85	117	4	121
OLA	71	0	1	0	0	19	1	1	48	70	0	70
PAR	107	4	22	0	0	6	6	0	67	105	4	109
PER	193	9	44	0	0	11	9	0	108	181	9	190
PLE	346	4	76	0	0	15	9	0	220	324	5	329
PLN	325	5	64	0	0	11	15	0	212	307	4	311
PLO	237	0	25	0	0	1	6	0	193	225	6	231
PLS	249	1	38	0	0	11	14	0	182	246	4	250
POR	195	3	22	0	0	44	12	1	111	193	5	198
SLK	256	11	72	0	1	10	18	0	133	245	14	259
SLO	135	1	8	0	0	11	3	0	105	128	3	131
SBA	209	0	4	0	0	36	5	1	157	203	1	204
SBI	219	1	9	0	1	56	10	0	136	213	2	215
SCO	126	0	16	0	0	5	5	2	93	121	3	124
SLE	227	3	7	0	0	71	1	0	141	223	2	225
SMA	351	1	16	0	0	89	20	0	213	339	5	344
SSE	177	1	18	0	0	24	13	0	115	171	4	175
SVA	183	2	15	0	0	31	7	1	122	178	2	180

102 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp	Total 1998	Profess. Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 1999
		L	S	D	P	L	S	D	P			
<b>SUE</b>	218	1	9	0	0	44	3	0	159	216	3	<b>219</b>
<b>SUO</b>	119	2	13	0	0	25	3	0	81	124	1	<b>125</b>
<b>THA</b>	89	0	9	0	0	14	3	0	61	87	1	<b>88</b>
<b>UNG</b>	64	2	6	0	0	4	3	0	43	58	2	<b>60</b>
<b>URU</b>	128	0	17	0	0	6	3	0	93	119	6	<b>125</b>
<b>VEN</b>	259	6	49	0	1	17	8	1	169	251	12	<b>263</b>
<b>VIE</b>	169	15	45	0	0	18	28	0	54	160	9	<b>169</b>
<b>ZMB</b>	62	0	10	0	0	5	7	0	42	64	0	<b>64</b>
<b>UPS</b>	130	0	0	0	0	11	0	0	122	133	0	<b>133</b>
<b>RMG</b>	84	0	0	0	0	16	0	0	67	83	0	<b>83</b>
<b>Total</b>	<b>17233</b>	<b>321</b>	<b>2374</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>2074</b>	<b>660</b>	<b>18</b>	<b>11142</b>	<b>16596</b>	<b>504</b>	<b>17100</b>
<b>Bispos</b>	<b>98</b>									<b>96</b>		<b>96</b>
<b>Total</b>	<b>17331</b>	<b>321</b>	<b>2374</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>2074</b>	<b>660</b>	<b>18</b>	<b>11142</b>	<b>16692</b>	<b>504</b>	<b>17196</b>

-2

Notas(\*): - FRA - Inspeção derivante da fusão de FLY + FPA (dados iniciais de FLY + FPA).  
 - INT - Nova Inspeção derivante da divisão de INM.  
 - ITM: dados não precisos devido às dificuldades de comunicação pela situação particular.

## 5.10 Irmãos falecidos (2000 - 1º elenco)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P BECOT Charles	Caen	02-06-99	80	FRA
P BETTONVILLE Pierre	Sakania (R. D. Congo)	27-11-99	82	AFC
P BOLLINI Felice	Shillong	20-11-99	89	ING
P DARBLAY Pierre	Caen	11-03-99	87	FRA
P GOURIOU Julien	Caen	04-04-99	86	FRA
P JUHÁSZ János	Székesfehérvár	29-10-99	83	UNG
S KABULA Dariusz	Rumia	11-06-99	21	PLN
P LIMONTA Giuseppe	Chiari	05-01-99	87	ILE
P PAGANI Sisto	Santo Domingo	14-04-99	87	ANT
L POMPÉ Ivan	Trstenik	25-11-99	71	SLO
L STEJSKAL Amadeus	Bahía Blanca	27-11-99	88	ABB
P TURŠIĆ Jakob	Trstenik	26-09-99	85	SLO
P ZURBRIGGEN Raúl Francisco	San Luis	25-12-99	84	ACO
P ALESSANDRINI Alfredo	Roma	27-01-2000	88	IRO
P AMICO Antonino	Pedara (CT)	22-03-2000	82	ISI
P BAPTISTA Michael	Los Angeles	11-01-2000	45	SUO
P BASTOS Miguel Ângelo	Manaus	28-01-2000	89	BMA
L BIEGAN Józef	Oswiecim	06-03-2000	81	PLS
P BOHAN James	Pallaskenry	22-02-2000	82	IRL
L BOTTO Giuseppe	Stony Point, NY	10-01-2000	85	SUE
L BROTTO Rino	Castelnuovo Don Bosco	19-03-2000	63	ICP
P BROUSSEAU Pierre	Beaupréau	28-01-2000	79	FRA
L CALLEGARI Emilio	Venado Tuerto	12-01-2000	71	ARO
P CASALIS Carlo	Turim	11-02-2000	91	ICP
P CHURIO BAQUEDANO David	La Puebla de Valverde	01-02-2000	64	SVA
<i>Era Inspetor há três anos e meio</i>				
P DAL BROI Giuseppe	Calcutá	10-03-2000	90	INC
P D'AMICO José Claudio	Río Tercero	30-01-2000	89	ACO
L DAPARMA Ferruccio	Châtillon (AO)	19-03-2000	86	ICP
P DELÉMONTÉ Charles	Toulon	02-01-2000	77	FRA
P DEMARIE Michele	Turim	04-01-2000	77	ICP
L DI CICCIO Beniamino	Roma	06-01-2000	90	IRO
P FABOZZI Pompeo	Caserta	21-02-2000	82	IME
P FARINA Angelo	Negrar (Verona)	07-03-2000	93	IVO
P FORTI Ernesto	Cairo (Egito)	23-03-2000	78	MOR
P FORTUNA Danilo	Tóquio	10-01-2000	77	GIA
P GAVENAS Pranas	Alytus (Lituânia)	07-02-2000	81	EST
P GEUNENS Jan	Helchteren	08-03-2000	91	BEN
P GIACOMIN Fortunato	Anisakan (Birmânia)	07-02-2000	80	INC
P HACKER Georg	Campbell (Califórnia, USA)	08-02-2000	91	SUO

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P HÁLASI Hemeric	Turim	15-01-2000	86	ICP
P KLAUDER Frank	Orange, NJ	28-01-2000	81	SUE
P LEFEBVRE Jean-François	Les Herbiers	12-01-2000	75	FRA
P LOSAPPIO Savino	Roma	24-02-2000	80	IRO
P MANNI Albino	Gerola Alta (Sondrio)	16-02-2000	77	ILE
P MASSERINI Severino	Fiorano al Serio (BG)	19-02-2000	72	AUL
P MENDOZA MONTES Miguel	Puebla	04-01-2000	69	MEM
P MIGLIO Paolo	Turim	25-03-2000	77	ICP
L MORASCETTI Giovanni	Pedara (CT)	14-01-2000	84	ISI
P MURARO Igino	Civitanova Marche (MC)	09-02-2000	85	IAD
P MURPHY José	Bahía Blanca	04-01-2000	94	ABB
L NENCINI Antonio	Savona	31-01-2000	84	ILT
L O'DONNELL Charles	Macclesfield	21-03-2000	79	GBR
P PATRUCCO Martino	Torino	15-01-2000	76	ICP
P PEREZ ROSALES José	Palma del Río	13-02-2000	74	SCO
P PERONDI Antonio	Forlì	23-01-2000	84	ILE
P PIÑOL Rómulo	Barcelona	04-01-2000	86	SBA
P PODOLOWSKI Tadeusz	Rumia	04-01-2000	65	PLN
P QUARTIER Maurits	Kortrijk	03-02-2000	86	BEN
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P ROGGIA Fiorenzo	Turim	15-01-2000	91	ICP
P ROJO OLEA Luis	Barakaldo	23-01-2000	61	SBI
L ROLFO Giuseppe	Turim	07-01-2000	80	ICP
P ROMANI Ulderico	Roma	14-02-2000	90	IRO
L RONCO Giovanni	Turim	11-01-2000	90	ICP
P RUSICH Hemil	Puebla	04-01-2000	85	MEM
P SACCHI Dante	Calamba	14-02-2000	79	FIN
P SANCHEZ MARTIN Nazario	Ávila	28-02-2000	98	SMA
P SCARAMAL Aldo	Turim	24-01-2000	84	ICP
L SCARSO Giuseppe	Turim	11-01-2000	96	ICP
P SCHMID Wilhelm	Eisenstadt (Áustria)	22-02-2000	89	AUS
P SCHOLTEN Kurt	Neunkirken	03-01-2000	68	GEK
P SERAFIN Giancarlo	Conegliano (TV)	11-01-2000	73	IVE
P SPITALE Carmelo	Shillong	17-02-2000	87	ING
P TANDA Sebastiano	Selargius (CA)	15-03-2000	92	ISA
P UTRILLA GARCÍA Tomás	El Campello (Alicante)	18-02-2000	78	SVA
P VÁCVÁL Anton	Bratislava	06-02-2000	91	SLK
P VAN EWJJK Reinier	s-Hertogenbosch	12-01-2000	88	OLA
P VAN KERKHOVE Amaat	Kortrijk	24-02-2000	82	BEN
P VARGAS José Bienvenido	Córdoba (Argentina)	24-01-2000	77	ACO
P VIAZZO Antonio	Nizza Monferrato	01-02-2000	84	ICP
P VILLAVECCHIA Giuseppe	Turim	29-01-2000	91	ICP
P WALCZAK Stanislaw	Zgorzelec	16-02-2000	61	PLO
P WASIK Jan	Oswiecim	31-01-2000	74	PLS
P WOIRY Victor	Toulon	20-01-2000	79	FRA
P ZORZI Francesco	Castelnuovo Don Bosco	20-01-2000	78	ICP
P ZUCCARO Natale	Pedara (CT)	04-03-2000	81	ISI

*Nota:* Foram indicados no início da lista, alguns irmãos falecidos em 1999, cujos nomes não apareceram nos números anteriores dos ACG, por não se ter recebido a notícia de morte por vários motivos.